

ILUSTRAÇÃO

N.º 252 — 11.º ano



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Vá tomar banhos a Caxias A PRAIA DE LISBOA

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinaturas em séries de 52 viagens, que podem ter início em qualquer dia do mês:

	2.ª classe	3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa	6\$40	4\$20
A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de		
1 cartão para 26 viagens válido por 1 mês	4\$80	3\$05
2 cartões » 52 » válidos por 2 meses .	4\$42	2\$81
3 » » 78 » » » 5 » .	4\$05	2\$57
4 » » 104 » » » 4 » .	3\$73	2\$38

Se fôr a Caxias	2.ª classe	3.ª classe
26 vezes num mês ECONOMISA	41\$35	29\$85
52 » em 2 meses. ECONOMISA	102\$45	72\$10
78 » » 5 » ECONOMISA	182\$70	126\$60
104 » » 4 » ECONOMISA	275\$95	189\$50

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Caxias mais de

19 vezes num mês	} Compre uma assinatura
55 » em 2 meses	
49 » » 5 »	
60 » » 4 »	

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Caxias mais de

18 vezes num mês	} Compre uma assinatura
54 » em 2 meses	
47 » » 5 »	
65 » » 4 »	

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PRODUTOS



M. CAMPOS

DEBELEZA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M. me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik**, etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

OS "GEMEOS DE BELEZA"

Entregam-lhe O Seu Segredo

Em 10 homens, nove preferem a qualquer outra, uma mulher que tenha a pele macia, branca e aveludada e o rosto claro e esplêndido.

V. Ex.ª não poderá dissimular uma pele feia e um rosto desagradável sob uma espessa «maquillage». Todavia, não há desculpas para feias rugas e traços, poros dilatados, pontos negros e outras imperfeições da cara, se tiver confiança nos «Gêmeos de Beleza».

Logo que V. Ex.ª dê aos tecidos o elemento vital e rejuvenescedor necessário à beleza, a pele torna-se branca, alimentada e fresca. Este precioso elemento, obtido de animais novos, está agora contido somente no novo Creme Tokalon, Cór de Rosa, para a noite. Assim, uma pele envelhecida e estragada é rapidamente rejuvenescida, os músculos flácidos do rosto são tonificados e enrijados. Experimente este simples método:

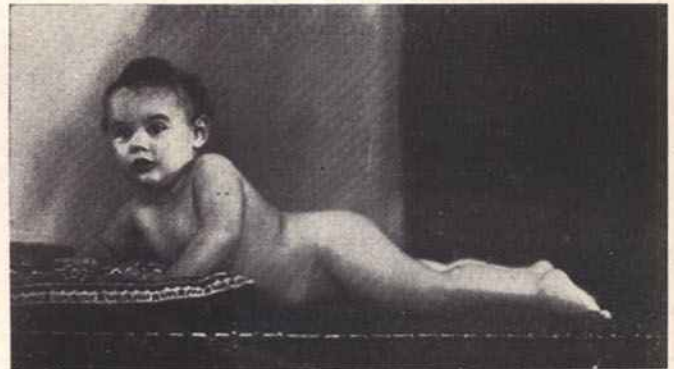
Cremes Tokalon, Alimentos para a



Faça V. Ex.ª
Esta fácil experiência no seu rosto

Pele, «Gêmeos de Beleza», e duplique o encanto natural da sua pele e do seu rosto. E' o único meio que se conhece sem insucessos. São afiançados esplêndidos resultados em todos os casos, senão o dinheiro do custo ser-lhe à restituído.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon - 88, Rua da Assunção, LISBOA - que atende na volta do correio.



CONFIANÇA

Só a pode merecer um produto de comprovado valôr

FARINHA LACTEA

NESTLÉ

ESTÁ À VENDA A

7.^a EDIÇÃO — 11.^o milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broch. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança . . . Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire —
Tristão de Ataíde — Plínio Salgado.

1 volume brochado . . . 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLEÇÃO P. B. FAMILIAR

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiam na fantasia e de-pertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escriptores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.^a edição, 8.^o milhar

CÓMICOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 252 págs., broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER



O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica



Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**

pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO DR. RIBEIRO LOPES

Prefácio do Prof. MANUEL RODRIGUES

1 vol. com 216 págs., broch. . . . Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA —

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica.
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris



*Está seguro
contra dores?*

Por 13 escudos pode ficar ao abrigo de muitos sofrimentos e dores!

Este seguro é unicamente feito pela grande Casa Bayer — mediante a simples aquisição dum tubo de Cafiaspirina. Tôdas as dores, especialmente as dores de cabeça, dentes e ouvidos, são prontamente eliminadas com um ou dois comprimidos. Por consequência, quem possui na sua farmácia caseira um tubo de Cafiaspirina, está efectivamente seguro contra dores



Cafiaspirina



FLIT MATA TODOS OS INSECTOS!

Quando a peste dos insectos invadir o vosso lar, só o Flit poderá destruí-los. O jacto do Flit não mancha. Usando o Flit, livrais a vossa casa de doenças e infecções causadas pelos insectos. Exija sempre a lata amarela selada com a gravura do soldado e a lista preta, pois é a que contem o genuino Flit.



Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes que nelas existirem.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR - DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 22074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O leitor sabe o que é um *slogan*? O significado primitivo deste vocábulo de origem céltica era o do grito de guerra. Foram, portanto, *slogans* o «Por Santiago e Castela!» e «Por São Jorge e Portugal!»

Modernamente, porém, a publicidade apropriou-se do termo para designar essas frases concisas que, repetidas com insistência, servem para reclamar a excelência dum produto industrial ou as vantagens de determinada marca.

Este novo conceito do *slogan* é originário da América. O facto pode de certo modo surpreender os que contestam a espiritualidade à civilização do Novo Mundo. Porque o *slogan* moderno é, antes de mais nada, uma descoberta psicológica.

Repita-se até à saturação uma frase curta contendo uma afirmação de carácter bastante discutível, e ao fim de algum tempo vê-la-emos convertida numa verdade axiomática. A insistência transmite às palavras um mágico poder de sugestão. O réclamo passa a exercer influência para além dos seus limites habituais, porque sob uma forma consciente ou não, fixa-se no espírito do eventual cliente e determina o seu julgamento.

Da América, o *slogan* espalhou-se a todo o Mundo. Entre nós, há muito que criou raízes. «O melhor café é o de B. . .» é um exemplo típico desta descoberta publicitária, de cuja acertada utilização depende às vezes o êxito de certos produtos.

Ora é interessante verificar que, de longa data, os *slogans* têm aplicação corrente em matéria de política internacional. Durante a Grande Guerra, os Aliados combatiam «pela justiça e pela Liberdade», os alemães «por Deus e pelo Kayser». Entre os pacifistas de todo o Mundo teve depois larga repercussão o «fazer guerra á guerra». Mussolini empolgou o seu país com dois ou três *slogans* a propósito da «afronta sancionista». Ao passo que a Alemanha tem feito da «igualdade de direitos» um uso bastante intenso.

Nem sempre um *slogan* consegue impôr-se. Há imponderáveis que decidem do destino destas frases curtas destinadas a impressionar a opinião pública. E estes comentários foram-nos justamente sugeridos por um desses *slogans* malogrados, que parecia no entanto reunir todas as condições para fazer longa carreira.

Foi o caso de, entrevistado ao desembarcar em Londres, o Negus ter declarado que viera á Europa defender os direitos «duma civilização de 25 séculos aniquilada em 25 semanas». Não é talvez aventurar muito, ver nesta frase o dedo do conselheiro norte americano que presta serviços junto do Imperador exilado, a quem Victor Marguerite chama o «Desertor», com *D* maiúsculo.

A S. D. N. está á beira de graves resoluções. Deve pôr-se termo ao regime sancionista? Deve manter-se a acção coercitiva do organismo genebrino? Qualquer dos caminhos comporta

CRÓNICA DA QUINZENA

perigos gravíssimos para a existência da instituição. Mas se o bom senso indica que a acção internacional nenhuma probabilidade tem de vencer os propósitos italianos, parece que só resta reconhecer a derrota de sistema de assistência mútua e refazer as bases da política internacional.

Em qualquer dos casos, o futuro da S. D. N. é incerto e só uma diplomacia habilíssima pode impedir o seu desaparecimento total. Atribui-se á Inglaterra o projecto duma solução conciliatória que ligaria as sanções á reforma do Estatuto da S. D. N. Aparentemente, não resta outra saída para tão complicada situação. Mas ainda nesta hipótese, há uma cousa que não poderá salvar-se: é o prestígio da Sociedade das Nações aos olhos da opinião mundial. As subtilizações diplomáticas não conseguirão convencer o «homem da rua», para quem o facto da conquista da Etiópia constitui a única realidade.

E há ainda quem pretenda que a S. D. N. não chegou ao fim dos seus embaraços. Madame Geneviève Tabouis, em geral bem informada sobre estes assuntos, não anuncia para o fim deste mês a restauração dos Habsburgos na Austria?

Em todos os comboios que cruzam a superfície do globo existem dispositivos — manipulos, ou alavancas semelhantes — junto dos quais se lê em grandes caracteres «Sinal de alarme». E em tipo mais miúdo as penalidades em que incorre quem dêle se servir sem absoluta necessidade.

Quais serão os casos de absoluta necessidade. Uma jovem inglesa, Rose Macauby, teve curiosidade de o saber e realizou um inquérito no seu país. Veio assim a descobrir que um dos motivos plausíveis para fazer funcionar o sinal do alarme, consiste para um dos cônjuges em viagem de núpcias o facto do outro ter ficado na plataforma á partida do comboio, não tendo podido embarcar por qualquer motivo.

Eis, portanto, um belo exemplo da galantaria inglesa. Serão os regulamentos ferroviários portugueses tão tolerantes para os recém-casados como os que vigoram na Grã-Bretanha?

Em Hanovre, um homem acaba de festejar o nascimento do seu 33.º filho. O feliz pai cha-

ma-se Rothem é casado pela terceira vez e já tem 34 netos.

Aqui temos um «record» que nos dá que pensar. O caso passa-se na Alemanha, onde Rothem tem muitos competidores. E ao passo que naquele país a natalidade aumenta, em França decresce e em muitos outros países mantem-se estacionária.

Estes índices demograficos não significarão que na nossa época, sob os nossos olhos que não conseguem descortinar-lhe o sentido, se opera uma transformação de incalculável alcance?

O grande escritor inglês G. K. Chesterton, que acaba de morrer, era uma das personalidades mais vigorosas e originais do nosso tempo. Espiritualista, na mais elevada acepção da palavra, tomara posição contra as formas materialistas da civilização moderna e os seus livros estão recheados de criticas deliciosas á vida social e ás tendências do nosso tempo. Como Bernard Shaw, cultivava o paradoxo com naturalidade, o que mais atraente torna a leitura da sua obra.

Não ocultava o seu desdém pelo progresso científico, tal como ele é hoje concebido. Um Mundo futuro, tal como o prevêm os romances de antecipação, não lhe merecia admiração alguma. Em seu entender, estes romances careciam de qualquer imaginação, porque trabalham sobre dados conhecidos. Uma criança — dizia ele — que ouviu falar nas botas das sete léguas, pode entreter-se a imaginar botas de 70 ou 700 léguas, sem revelar com isso um grande espírito imaginativo.

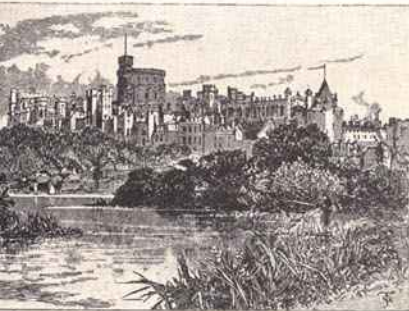
E num artigo do «New York Herald Tribune Magazine» escreveu:

«Assistimos a um desperdício enorme e anárquico das verdadeiras forças da invenção e da imaginação, porque estes não se adaptam ás estúpidas simplificações da publicidade e do comércio. Por minha parte, creio que um Mundo composto de famílias livres, vivendo em quintas livres, seria mais activo, mais avançado e mais próspero que o Mundo de organização comercial moderna. Do que não tenho, porém, dúvida alguma é que ele não poderia ser mais enfadonho e vazio.»

Chesterton tinha horror aos aperfeiçoamentos científicos, que se propõem simplificar a existência e afinal só contribuem para a privar de interesse. E dizia a propósito que seria possível construir um bilhar mecânico que lanças as bolas por um movimento mecânico e infalível. Um engenheiro desta natureza pouparia muito esforço ao jogador que, em posições incómodas, procura conseguir uma carambola difícil. Mas também é verdade que não lhe proporcionaria qualquer prazer.

Para remediar a tantos inconvenientes Chesterton construiu um sistema teorico que ele dizia «baseado no princípio da propriedade, como outros se baseiam no da mecanização».

M. R.



O castelo de Windsor

Londres, 10 de Dezembro de 1887.

É impossível começar uma correspondência — é quasi impossível começar uma carta particular — sem falar da França. A questão do Oriente está no último plano: apenas a gente se lembra de que há algures um país assolado pela guerra, milhares de homens que morrem, guarnições enfomeadas, generais heroicos, cidades tomadas, um Czar impossível, e um Sultão absurdo! O que lembra é a França. Quais são as notícias da França, hoje? — é a pergunta inglesa de antes do almoço.

É da França que se ocupam os literatos políticos nos seus artigos de fundo, os caricaturistas nos seus desenhos, os sacerdotes nos seus sermões e os autores de cançonetas nas suas rimas. Falemos, pois, da França. É, em primeiro lugar, façamos justiça ao marechal de Mac-Mahon.

Este excelente homem não é culpado em coisa alguma do que se têm passado em França desde 16 de Maio: velho, um pouco reumático, entendendo alguma coisa de soldados, e muito de jardinagem, ocupando-se imensamente das suas rosas e de seus lilazes, e quasi nada do seu país, um pouco apertado de dívidas e cheio de um

humor condescendente e amavel — o presidente da Republica não é um caracter, é um cabide.

Um grupo intrigante, fanático, egoista, glutão de poder, immoral, ridiculo — ridiculo se não fosse trágico — serve-se dele como dum aparelho de pau, onde dependura decisões e as suas frases.

Este grupo, que se compõe de padres astutos, de devotos elegantes, de doutorários de galão, dalguns caducos aristocratas douradas eras e de ajudantes de campo, crivados de dívidas, cheios de galões e abundantes de facécias, este grupo têm uma ambição decente: possuir a França — para seu uso em primeiro lugar e um pouco para uso do papa também. Possuir a França, dispôr do seu exercito, das suas finanças, de tantos empregos a dar, representá-la diante do mundo, fazer honras da casa por occasião da exposição, occupar os seus palácios, tratar, de *mano a mano*, imperadores e rainhas, entrar na história, ainda que seja com uma chave falsa, — é, realmente, devemos confessá-lo, muito agradável. E o marechal de Mac-Mahon, ou antes o grupo que o inspira e que lhe puxa os cordões — têm realmente toda a razão em querer guardar a *pósta*.

Sómente há uma certa entidade que se opõe a esta amavel combinação, e que se chama a França republicana: é quasi nada: são apenas dez milhões de eleitores. Esta entidade têm a loucura de querer que a França pertença, não a um grupo equívoco de batinas e de saías, mas que se pertença a si mesma. Esta entidade é, portanto, considerada no Eliseu como perfeitamente plebeia, impertinente, grosseira e perigosa para os interesses dos bispos e das duquezas.

Que se ha-de fazer, portanto, a esta entidade? Esmagá-la, como? Dar-lhe um nome feio, chamar-lhe radical, attribuir-lhe intenções criminosas, e usar por isso todos os meios de as repelir — pelas eleições ao principio, pelos tiros depois. Tentou-se primeiro a eleição: a intriga falhou: a entidade temida, a França republicana tornou-se mais ameaçadora e mais forte.

DECORRIDOS 60 ANOS

Como Eça de Queiroz observava o mundo quando era correspondente em Londres dum jornal português

Que resta, portanto? Tentar o tiro. E vamos ter tiros, verão.

Aqui ninguém duvida de que o marechal vai obter uma segunda dissolução: e a Câmara dos Deputados é natural recusar-se a obedecer, e constituir-se em convenção: o marechal manda contra a Câmara alguns regimentos: que fará então o povo? Que farão então os soldados?

Esta última questão é grave: qual será a attitude do exercito? Terá a obediencia passiva e estúpida dos primeiros tempos do império: — ou mais educado, mais saído do seio do povo, tendo simpatias republicanas, recusar-se-ia a tentar a destruição da Republica?

Esta é a questão: todas as tentativas de compromisso são efémeras: o fundo da discussão é esta: — a França republicana quer que o marechal saia — e o marechal não quer sair. Não quer sair porque se acha bem: a marechala quer fazer aos reis e aos principes as honras da exposição: os padres que a cercam não querem que o triunfo da Republica inaugure uma politica anti-papal; o visconde de Harcourt, alma danada (ao que dizem) desta intriga, não quer perder os salões do Eliseu, onde triunfa, e onde é leão: o duque de Broglie não quer abdicar da sua influencia oculta ou clara, no governo da França: ninguém quer sair, todos se acham confortáveis no poder. E, como não podem cohabitar com a Republica, hão-de fazer tudo tudo para que a Republica saia. Para isso, contam com uma espingarda: resta saber se a espingarda lhes rehentará nas mãos.

Os negócios da Turquia vão mal. Os generais a que o Sultão concedera o titulo sonoro de *vitoriosos* — começam regularmente a ser vencidos. Moukhar-Pachá, na Asia, viu o seu exercito destruido: e Osman-Pachá, na Europa, teve de entregar Plewna, render-se sem condições, depois de uma luta heroica, em que lhe foi gravemente ferido. Faltam detalhes deste desastre, mas as suas conseqüências são terríveis: os russos podem agora arremessar contra Suleyman, ou contra Mehemet Ali, o grosso dos exercitos que cercavam Plewna. E aquelles generais diante dos numeros superiores de tropas exaltadas pela vitória, com boas communicações asseguradas, e tendo ganho numa campanha de 5 ou 6 meses, uma experiencia militar, onde os erros se tornam mais raros, Plewna fez, no entanto, uma defesa admirável: parece que (ao contrario do que diziam os jornais amigos da Turquia, afirmando que as provisões abundavam dentro da cidade) o exercito de Osman-Pachá morria de fome: os primeiros gritos dos soldados rendidos, por pedir pão! Compreende-se que Osman-Pachá quizesse fazer uma sortida desesperada, e, colhido pela frente e pela retaguarda, succumbisse numa luta desigual. Quasi 100 mil homens cercavam Plewna: os reforços aglomera-

dos ultimamente, elevavam este numero a 150 mil. Osman-Pachá não devia ter mais de 35 a 40 mil soldados, que as privações, a fome, o desalento, tornavam de pouco uso, perante forças bem providas.

Agora, o caminho para Andrinopla está aberto, ou, pelo menos, os exercitos turcos em campanha, não são bastante fortes para se oporem ao grosso do exercito russo, logo que elle tenha esse objectivo.

Andrinopla pôde oferecer uma resistencia prolongada: mas os russos não se demorariam nas operações difficis dum áspero inverno: nem queriam renovar os assaltos mortíferos que dizimaram as suas forças nas primeiras tentativas contra Plewna: e, portanto, o mais natural é que deixem diante de Andrinopla uma força de observação, que torneie a cidade e se dirijam a Constantinopla.

É aí é que começa uma nova fase da guerra: ou campanha diplomatica, ou conflito geral, ou então a paz!

E agora que se vão vér as verdadeiras intenções da Rússia. Se fez a guerra com um fim puramente christão, e, libertada, está já, pelas victórias ganhas, no direito de propor a paz, impondo á Turquia condições que garantam a fidelidade das populações eslavas: se, porém, a vierem avançar para Constantinopla, então ella descobre a garra conquistadora, e resta saber o que dirão a Inglaterra e a Austria.

O acontecimento mais notável da última quinzena em Londres, foi o casamento do duque de Norfolk, o primeira fidalgo da Inglaterra, conde marechal do reino, chefe do partido católico.

Toda a alta aristocracia papista assistiu á cerimonia, que foi celebrada na capella dos padres do oratório Brompton com um esplendor romano. A noiva é lady Flora Hasting's, filha da condessa de London, novamente convertida ao catholicismo; e os presentes que recebem são dumo prodigalidade e dum luxo incomparável: entre a profusão de joias, colares de diamantes, coleções de rubis sem igual, adereços de safiras que levaram anos a colleccionar, montes de pérolas inegualáveis, apparecem dois presentes notáveis: um é uma reliquia dum santo, S. Tomas de Aquino, creio eu: outro é um collar de diamantes e rubis que pertencera a Maria Stuart, e que entrara por herança nas joias de Norfolk.

A rainha que, nestes casamentos aristocráticos faz, segundo a tradição, um presente á noiva, desta vez abstve-se. Daqui, grande escândalo. Ordinariamente, o presente da rainha é um rico chale de cachemira: e são tantos os que distribui, que parece que em Windsor ou no Palácio de S. James deve haver armazens subterrâneos atulhados daquelle vistoso artigo.

Os jornais alegres, preguntam todos com grandes facécias, porque é que no casamento do primeiro nobre de Inglaterra, dum parente de reis, que na corte tem lugar antes dos principes. Sua Magestade não deu, ao menos o chale.

Que dê o chale! — grita a imprensa satirica. Porque é um erro continental supôr que a rainha de Inglaterra é cercada dum tal veneração, que a pilhéria não se atreva a transpôr ás portas do paço. Não: a rainha, como outra qualquer mortal, é (quando isso é justo), criticada, epigramatizada, e caricaturada: e, nesta occasião, a occorência do chale têm sido objecto de muito grossa jovialidade saxonica.

A verdade é que a rainha offendeu todo o partido católico: diz-se que a razão da sua abstenção foi o ser lady Flora uma nova convertida, e o detestar a rainha as novas convertidas. Admite as antigas familias catholicas, mas as conversões recentes são-lhe particularmente antipáticas.

Uma condessa muito illustre, e ainda mais bonita, casada com um católico, mostrava tendencia ultimamente de *passar para Roma*, como aqui se diz. A rainha, na última recepção, chamou-a, e disse-lhe simplesmente: — Não há nada piór para uma senhora que abandonar a religião de seus pais! Foi o bastante: a pobre condessa, perdeu toda a velocidade de beijar a chinelá do papa; ficou-se no protestantismo por ordem superior.

Acho este caso delicioso. Uma devota, morrendo de desejo de ouvir uma boa missa cantada, ou de seguir o mês de Maria, é obrigada a contentar-se com a séca leitura da Biblia para não desagradar ás reais pessoas.

A propósito da religião, oigo dizer, mas não o garanto, que o príncipe Leopoldo, o filho mais novo da rainha, se vai fazer padre. Este moço, dada natureza e dumo tempera muito diferente da dos irmãos, letrado, um pouco poeta, místico, e extremamente doente, daria talvez nos tempos passados um daquelles principes, que edificavam um mosteiro, e na falta de um reino temporal, ali ficavam governando um pequeno povo de monges, escreviam um tratado sobre o meio de expurgar o demónio, e obtinham pela sua parentela real, uma canonização em Roma.

As façanhas da força muscular repetem-se, sob as fórmas mais inesperadas; depois dos sujeitos que nadam vinte léguas em dize horas; depois dos individuos que caminham em



Rainha Victoria

volta dum circo 500 milhas em três dias, temos agora um novo heroi: o homem que valsa seis horas consecutivas. Este maganão é débil, esguio, alourado, frisado, com os olhos vivos, ademanes nervosos, e uma voz de grilo.

Das 6 da tarde á meia noite, valsa, valsa, valsa, sem respirar mais alto, sem suar, sem se lhe desmanchar o frisado, cansando vinte, trinta, quarenta pares, e bebendo, sempre a valsar, caldos pelo bico dum bule. É sublime e odioso. Na primeira hora, o espectáculo é trivial e pouco elegante porque o homem valsa piór que qualquer dançarino; na segunda hora, o facto começa a surpreender; na terceira hora, principia-se a achar extraordinário e não se vêem senão pelos cantos da sala mulheres extenuadas que o maganão esalfou, valando, valando; na quarta hora, o caso torna-se fenomenal, a cabeça anda á roda; na quinta hora, começa-se a ter odio áquelle personagem que, com um sorriso amêno, gira, torce, perpassa, de-lira, sempre á roda, sempre á roda; na sexta hora, a gente começa a ter vontade de matar o mariola; felizmente há policias; mas a impressão é terrível, e vem-se para a rua, sentindo as casas, os candieiros, as carruagens valsar, valsar com um sorriso e cabelos frisados.

É um espectáculo medonho!

Agora, uma noticia triste: o nosso amigo Pongo morreu, o illustre gorila. Foram chamados os médicos mais illustres, mas os seus dias estavam contados pelas Parcas que se occupam de macacos.

Pensou-se, a principio, que o clima, a nostalgia, ou talvez o tédio o teriam morto, mas os anatomistas, que o abriram para o estudarem, mostraram que o mal que o destruiu tinha uma coisa bem mais natural num macaco: dentro do estomago do illustre Pongo, acharam-se pregos, um pequeno canivete, rólhas, um luneta, uma luva, um cabo de guarda-sol, e outras curiosidades.

Este alvo da raça humana não tinha da eschêla dos seus alimentos, nem mais discernimento, nem mais dignidade que um qualquer réles macaco, de meia moeda o casal.

Grande desilusão!



A rainha Victoria, o príncipe consorte e filhos



“O TREVO DE 4 FOLHAS,,

houve o propósito de innovar, mas sim o de adaptar fórmulas modernas e bem assentes. Reconhece-se que presidiu à realização um sentido exacto de «découpage», em que não se sentem hesitações ou desfalecimentos. Como consequência, as imagens encadeiam-se com harmonia, e a acção mantém sempre plena intensidade.

Dos restantes factores técnicos pouco há a dizer, pois oferecem a regularidade a que a produção estrangeira nos habituou. Notámos, contudo, na fotografia — que dum modo geral é boa — certa falta

ram. Nem tão pouco por espirito de puro derrotismo, vício que é costume atribuir-se aos que tardam em se extasiar.

Num artigo de origem indeterminada, que um jornal da tarde publicou há dias, faziam-se reparos ao facto de poucos criticos se terem referido à «trouvailler» essencial do argumento, ou seja, à figura do «homem que se parecia com toda a gente». Houve talvez uma razão para assim se passar em silêncio um aspecto tão importante do filme. Nós explicamos o facto pela tradicional benevolência da critica no nosso país.

Porque, com boa verdade, a referida «trouvailler» é um erro. Poderíamos dizer que, quando tantas obras dramáticas baseiam uma acção animada na existência de dois sócios. — «O sr. Conde» em cena no Nacional é um belo exemplo — em «O Trevo» são necessários seis, oito, um número incontável, para se obterem afinal bem modestos resultados. Mas o defeito principal não está nisto. Está em que «o homem que se parece com toda a gente» é um tema literário, que resulta despropositado e absurdo no cinema. Cada modalidade artística tem as suas convenções. Um escritor engenhoso pode convencer os seus leitores da existência dêsse personagem. Mas o espectador, ao ver na tela a fisionomia tão característica e pessoal de Nascimento, recusa-se a admitir essa hipótese. E a partir dêsse momento está cortado o fio condutor que o devia ligar ao filme e arrastar sem relutância no decorrer da acção.

Outro factor mediocre foi introduzido no filme: certos diálogos de feição cómica, dum gé-

O cinema nacional conta mais uma produção — «O Trevo de 4 folhas» — e marca com elle progressos nitidos que nos encham de satisfação. O filme de Chianca Garcia tem movimento. Podemos mesmo dizer que tem desinvoltura. Leva vantagem aos que o antecederam na ausência de ingenuidades ridículas, de certa timidez desastrada, que assinala a nossa iniciação na arte das imagens animadas. Isto só por si constitue um progresso notável. Mas reforçam-no outras qualidades a que importa fazer justiça.

Em «O Trevo de 4 folhas» o cinema nacional sobe ao nível das produções estrangeiras, se não em argumento e interpretação, pelo menos sob o ponto de vista de factura técnica. A composição e ordenação das imagens é correcta. Não

de uniformidade, que prejudica o conjunto.

É evidente que «O Trevo de 4 folhas» tem outros defeitos. Seria inconcebível que assim não fôsse. Se adiante os assinalamos não é porque nos anime qualquer má-vontade contra os que nêle colabora-

Em cima: Beatriz Costa. Ao lado: Uma cena com Mafalda, Sacramento e Nascimento Fernandes. Em baixo: Beatriz Costa e Mafalda



nero que pertence mais à revista que ao cinema. Citemos, como exemplo, a cena no vestíbulo do «Palace» em que, a propósito dum quadro, se multiplicam os trocadilhos de fraco gosto.

A interpretação consideramo-la boa nas primeiras figuras e deficiente nas restantes. Beatriz Costa tem no teatro criações melhores. Mas afirma as suas grandes faculdades de adaptação no desempenho de dois papeis distintos. É para quem conhece as condições em que o trabalho do estúdio é feito, a maleabilidade do seu talento ficou plenamente demonstrada.

Nascimento Fernandes é o melhor dos intérpretes. Apenas se lhe nota certo constrangimento nos primeiros planos, derivado talvez do receio de que o seu gesto largo ultrapasse o campo visual. Noutras cenas há ligeiras hesitações no seu jôgo fisionómico tão animado e expressivo. Um segundo filme corrigirá sem esforço estas pequenas imperfeições.

Procópio Ferreira não tem o fisico adequado ao papel. Mas encontra meio de se defender com as eminentes qualidades que possui.

Mafalda surpreende-nos. Não se limita a dançar admiravelmente. Representa também com muito acerto um papel de grande importancia.

Manuel L. Rodrigues

Vai realizar-se no próximo ano em Paris a Exposição de Arte e Técnica na Vida Moderna.

A Exposição de Arte e Técnica na Vida Moderna

Será mais uma bela afirmação da extraordinária vitalidade do povo francês e um acontecimento mundial das mais largas repercussões. Como da sua designação resulta, o grande certame de Paris tem por objectivo registar a influência da Arte na existência do nosso século. Os seus organizadores propõem-se demonstrar que nenhuma incompatibilidade existe entre o útil e o agradável e que, pelo contrário, a Arte e a Técnica devem estar indissolivelmente ligadas. O pensamento filosófico que preside à organização do certame pode, portanto, definir-se assim; o progresso material, quando se desenvolve sob o signo da Arte, favorece a expansão dos valores espirituais, património supremo da humanidade. Nas virtudes deste princípio, em época de tão acentuada decadência espiritualista como a nossa parece-nos inútil insistir.

A Exposição de Paris estará portanto aberta a todas as produções que manifestem um carácter indiscutível de arte e novidade. A admissão será inspirada na ideia de adaptar a produção às possibilidades de compra por parte das diversas categorias de consumidores.

Os ramos de actividade cuja representação está prevista são numerosos. O quadro de classificação anexo ao programa há pouco editado em Paris estabelece secções para a arte da habitação, da jardinagem, da decoração, do mobiliário, do teatro, do cinema, da radiofonia, da publicidade, etc. As produções apresentadas em conjuntos nacionais ou regionais, traduzirão, deste modo, os aspectos modernos da vida individual ou colectiva no quadro da cidade, do campo, da fábrica e até nas mais longínquas colónias.

Como todos os grandes certames do seu género, a Exposição de Paris de 1937 terá como suprema função estimular o intercâmbio da cultura e de riqueza entre os povos. A França espera, pois, justificadamente, que ela constitua uma manifestação grandiosa de colaboração in-

que vai realizar-se em Paris no próximo ano

ternacional nos domínios do pensamento, da Arte e do trabalho.

A preparação do certame de Paris vem sendo, há muito tempo, objecto de grandes esforços. Eis alguns pormenores do plano previsto para a sua efectivação.

Segundo a lei de 6 de Julho de 1934 a área destinada à Exposição compreenderá:

a) uma parte principal cobrindo a superfície aproximada de 30 hectares, instalada no centro de Paris, sobre as margens do Sena;

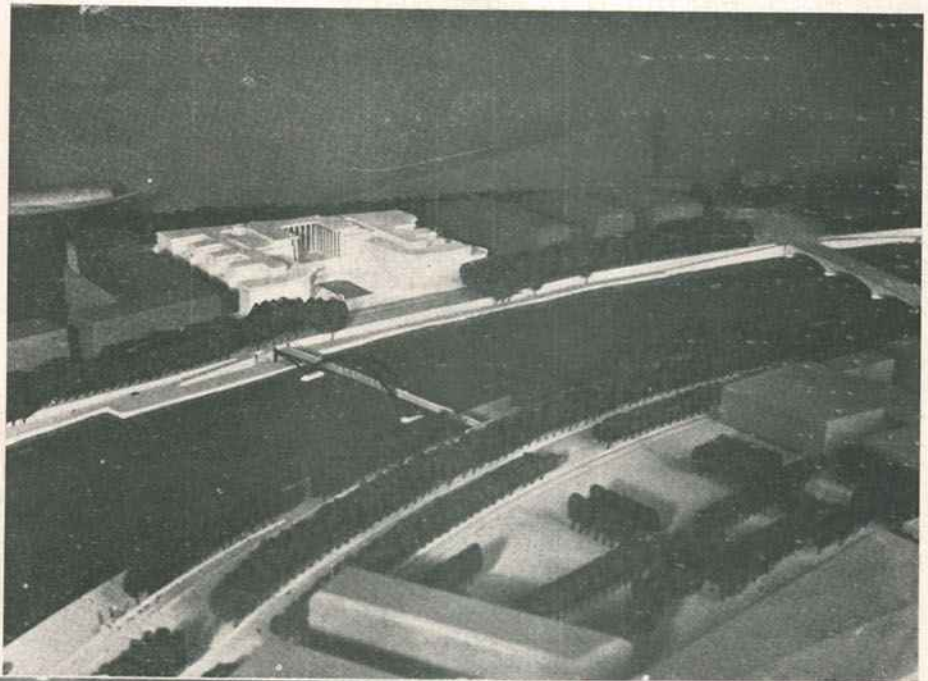
b) um anexo com a superfície de cerca de três

hectares e meio, instalado num terreno proveniente da terraplanagem da cintura fortificada da capital francesa e destinado a uma secção internacional consagrada à Habitação;

c) outro anexo com a superfície aproximada de onze hectares instalado no Parque de Sceaux e destinado a uma secção internacional consagrada à arte da Jardinagem.

A Exposição deve inaugurar-se em Abril e está-lhe prevista uma duração máxima de seis meses.

Para a adaptação da zona central de Paris consagrada à Exposição propuseram-se vários projectos no sentido de modificar a arquitectura dessa parte da capital, dando-lhe um aspecto de absoluto modernismo e adaptando-a às exigências do certame. Muitos desses projectos, apresentados pelos mais eminentes architectos fran-



Dois aspectos da «maquette» da parte principal da Exposição, na área outrora ocupada pelo Palácio do Trocadero

ceses, ofereciam real interesse, embora alguns fôssem de difícil execução. O juri encarregado de deliberar sobre tão delicado assunto — de que depende em certo modo o êxito da exposição — optou por um que implica a demolição do Trocadero e a execução de novos edifícios para o substituir. Os trabalhos para efectivação desse plano começaram já, como se sabe, e prosseguem num ritmo acelerado, de modo a poderem ficar completos numa data que permita a instalação das diversas secções a tempo.

Pelas fotografias das «maquettes» do novo Trocadero que ilustram esta página pode o leitor formar uma ideia do majestoso aspecto que a Exposição oferecerá.

Fanny Koucher.



Wang-Chin-Uei, ministro das Finanças, que foi vivo dum atentado

ESFORÇO do Japão «penetra», mais ou menos pacificamente na China, a Sociedade das Nações debate-se em tranças afritivos, asoberbada por problemas que lhe tocam mais de perto. Não admira, portanto, que Genebra não dê atenção ao que se passa no Extremo Oriente.

Contudo, por uma dessas contradições em que a política do nosso tempo é fértil, a China faz parte da S. D. N. e nessas condições o seu delegado é convidado a pronunciar-se sobre as violações do Pacto cometidas pela Itália e a colaborar nas sanções destinadas a reconduzir o infractor ao caminho da legalidade. Não são precisas subtilizações jurídicas para demonstrar que todos os argumentos invocados contra a Itália o poderiam ter sido desde há alguns anos contra o Japão.

Dirão os defensores do organismo genebrino que a China se absteve de formular protestos enérgicos e se limitou a frouxas reclamações, que, mesmo assim, serviram de pretexto ao Japão para romper com a S. D. N. As razões são óbvias. Chamar a polícia é sempre perigoso se ela está longe e os agressores estão perto. E muito mais quando a força e autoridade dessa polícia inspiram medíocre confiança.

A S. D. N., criada para policiar o Mundo, encontra-se perante uma tarefa que excede as suas possibilidades. As encruzilhadas internacionais estão à mercê do mais forte. No fundo, a situação nada tem de original. É o natural desenvolvimento dum processo histórico em que o único portador novo é a assembleia de Genebra esmagada pelo peso das responsabilidades.

Resulta disto que, nos tempos presentes, invocar o direito consubstanciado em pactos, acordos ou tratados, além de ser seguramente ingénuo, pode tornar-se também arriscado. O facto consumado — como usa agora chamar-se à violação pela força das convenções internacionais — sobrepe-se aos artigos e parágrafos que os diplomatas elaboraram. Um protesto enérgico do lesado só pode ser dignamente seguido por uma política de força. E como o caminho é perigoso, os países fiéis às tradições da velha diplomacia não se atrevem a aventurar-se por ele. Contentam-se em procurar fórmulas que dêem às ques-

ões um semblante de legalidade. Salvar as aparências do Direito e diferir para mais tarde a resolução dos problemas inquietantes, tais são as tendências predominantes na política do nosso tempo, que tem nos métodos genebrinos a sua mais perfeita representação.

Quem ignora que a política de expansão nipónica se faz com manifesto desrespeito do Tratado das Nove Potências, que garante a integridade territorial da China e estabelece a livre concorrência comercial naquele mercado? Digamos de passagem — o facto é talvez pouco conhecido entre nós — que Portugal pertence ao número dos signatários desse Tratado, a que se encontram também ligados a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, a Bélgica, a Holanda, a Itália e, evidentemente, o Japão.

A existência desse tratado só tem provocado tímidas alusões. A verificação pública da violação por ele sofrida viria criar uma situação delicada. Só há um meio de evitá-la: simular a mais cândida ignorância de tudo o que se está passando.

Esta tática da diplomacia não deve impedir-nos, porém, de seguir os acontecimentos com extrema atenção. Porque, tanto pela novidade dos métodos empregados, como pela envergadura da acção e suas consequências futuras, a penetração japonesa na China constitui um dos acontecimentos dominantes na nossa época.

A questão entrou agora numa fase aguda, que não é a primeira e não será provavelmente a última. Prepara-se a incorporação efectiva e irrevogável da China do Norte na esfera da influên-



Pu-Yi, imperador da Manchúria

cia nipónica. É mais um episódio do processo de deglutição que em poucos anos permitiu ao Império do Sol Nascente absorver vastos territórios e que ameaça estender-se a todos os povos da raça amarela.

As fases da actual operação oferecem um incontestável interesse e apresentam um aspecto dramático na medida em que contribuem para aproximar os japoneses dos russos — estes últimos representados no caso presente pela Mongólia Exterior, que Moscovo constituiu em barreira por meio dum verdadeira aliança militar.

O movimento que os japoneses classificam de autonomista, por ser esse o caracter que lhes

TENDÊNCIAS POLÍTICAS NO EXTREMO ORIENTE

Expansão japonesa na China do Norte

Fases dum conflito destinado a colocar vastas regiões sob a influência nipónica

convem imprimir-lhe, começou na China do norte em Novembro do ano passado. Em boa verdade limitou-se a uma proclamação de Yin-Ju-Keng, arbitrariamente feita em nome de 25 distritos da região. As relações de família e de interesses deste político com os japoneses — é cunhado dum importante personalidade nipónica — tiram ao seu acto qualquer significação. Sir Frederick Leith-Ross, conselheiro económico britânico, após o regresso da sua viagem à China declarou na imprensa não ter encontrado um único chinês que fosse partidário desse pretensioso movimento autonomista. Isto, conjugado com outros indícios, demonstra a inconsistência do expediente que serve apenas os desígnios de expansão nipónicos.

Chang-Kai-Chek, ao ter conhecimento da proclamação autonomista, telegrafou ao general Chang Cheng, governador da provincia do Ho-Pei e representante do poder central, dando-lhe ordem para prender Yin-Ju-Keng.

A execução destas instruções não era, contudo, fácil numa região que se encontra de facto ocupada pelas tropas japonesas, sob os mais inverosímeis pretextos. Chang Cheng, com a subtil diplomacia que é tradicional no seu país respondeu que se considerava responsável pelos acontecimentos e, por esse motivo, apresentava a sua demissão. Desobrigava-se assim dum ordem que de antemão sabia não poder cumprir.

Accepta essa demissão, Chang-Kai-Chek convidou o general Sung-Che-Yuang para o cargo de commissário pacificador do Ho-Pei e Cha-Har. Mas este, não menos hábil, insistiu em considerar-se indigno dum tal honra e não aceitou a missão que lhe era oferecida.

Entretanto, os japoneses apressavam a evolução do suposto movimento autonomista por uma série de operações militares de caracter ameaçador. O Exército de Kuang Tung realizou oportunas manobras que levaram a ocupação efectiva de numerosos pontos, entre eles o entroncamento de Feng-Tai, vinte quilómetros ao sul de Pequim. Ao mesmo tempo, as autoridades nipónicas tomavam conta dos correios e telégrafos. Recendo que os chineses retirassem da linha férrea ocupada o seu material circulante, os japoneses determinaram que cada vagão transferido para o sul fôsse compensado por outro enviado para o Norte. O facto consumado era assim imposto em condições que só restava aos chineses, conscientes da sua inferioridade militar, procurarem uma solução conciliatória.

Chang-Kai-Chek segue sem esforço a política das transigências para com o Japão. Aguarda dias melhores? Procura apenas conservar a sua cómoda posição pessoal? Eis o que é difícil dizer. Mas é fóra de dúvida que a grande maioria dos chineses, agitada por sentimentos anti-nipónicos, vê com desgosto esta atitude passiva ante as arremetidas japonesas que ameaçam absorver a China por completo. Esse sentimento nacionalista é sobretudo vivo ao Sul e isso justifica

que tenha partido do Governo de Cantão a iniciativa de se opôr por todos os meios ao progresso dos japoneses.

Esta decisão, que é interpretada como uma declaração de guerra, coloca Chang-Kai-Chek numa posição extraordinariamente difícil. Que vai fazer os célebres generalíssimos que orientam os destinos da China? Para entrarem em contacto com os japoneses as forças expedicionárias de Cantão devem atravessar as regiões que estão sob a sua autoridade directa. Tolher-lhes-o o passo? O mesmo seria que pactuar com os japoneses e isso valer-lhe-ia o ódio de todos os nacionalistas. Consentir-lhes o avanço? Os japoneses não deixariam de considerar o facto como acto de hostilidade e a feliz tranquilidade do generalíssimo em breve teria terminado.

A execução metódica do plano japonês prova que este foi estudado com minúcias. Os observadores familiarizados com as questões do Extremo-Oriente não hesitam em reconhecer nêle a mão do famoso coronel Kenji Doihara, conhecido pela designação de «Lawrence japonês». Só este homem extraordinário que alia uma diplomacia subtil a uma hábil política de corrupção poderia ter traçado com tanta segurança o caminho a seguir para a posse definitiva e incontestada das vastas provincias do Norte da China.

Recordemos que o Estado manchú — sem dúvida uma das mais assombrosas realizações políticas do nosso tempo — é essencialmente obra sua. Foi Doihara que, partindo do assassinio do capitão japonês Nakamura por soldados chineses em 1931, e explorando habilmente os acontecimentos, preparou o ambiente para o avanço das tropas japonesas que conduziu à proclamação dum Governo autónomo. Para chefe

desse novo Estado, Doihara pensou em Suan Tung, antigo soberano da dinastia manchú, que vivia em Tien Tsin usando o nome particular de Pu-Yi. Era preciso trazê-lo para a Manchúria e o famoso coronel tomou o encargo de ir convidá-lo pessoalmente. Pu-Yi recusou, recuso das consequências. Mas Doihara fez-lhe ver que essa atitude podia ter consequências desgráveis. Alguns dias mais tarde o futuro imperador recebia um cesto de fruta, dentro do qual era encontrada uma bomba. Quasi simultaneamente produziam-se em Tien Tsin tumultos anti-nipónicos, que alguns pretendem terem sido fomentados por Doihara.

Pu-Yi saiu então de Tien Tsin, mas a sua partida revestiu-se de aspectos tão suspeitos que a embaixada japonesa de Pequim se considerou obrigada a publicar o seguinte esclarecimento:

«O ex-imperador Pu-Yi, que habitava na concessão japonesa de Tien Tsin no momento em que eclodiram os tumultos, recebeu pela sua segurança pessoal e solicitou a protecção das autoridades japonesas. Inspiradas apenas em considerações humanitárias, as autoridades japonesas aquiesceram ao desejo do ex-soberano e decidiram conduzi-lo para lugar seguro. Como o governo japonês deseja que o sr. Pu-Yi não seja arrastado no turbilhão da política enquanto se encontrar sob a sua protecção, considera seu dever tomar medidas no sentido de evitar ao sr. Pu-Yi o contacto indesejável com o mundo exterior».



Chan-Kai-Chek, a sua assistente e o seu steve

Pouco tempo depois, a Manchúria proclamava a sua «independência» e Pu-Yi era eleito Chefe do Estado provisório, vindo mais tarde a ser coroado imperador. Por sua vez o coronel Doihara era promovido ao posto de general.

Vencida esta etapa, o famoso «Lawrence japonês» consagrou-se à China do Norte. Vimos já como as suas concepções ali germinaram. No momento actual a questão consiste em saber se vamos assistir a uma guerra civil na China ou a uma guerra sino-japonesa. Em qualquer dos casos, o acontecimento terá um valor episódico a par do grande problema asiático que reside no antagonismo russo-nipónico. Mas pode sem dúvida ser a faísca destinada a provocar a delagração.

Em última análise, nada disto impedirá a submissão da China do Norte à hegemonia nipónica. Se dermos crédito às opiniões dos círculos autorizados de Nanquim, a política de Cantão é mesmo resultante dum maquinação japonesa, destinada a permitir no seu Exército uma acção decisiva sob o pretexto de que se encontra ameaçado. A ser assim os acontecimentos poderiam precipitar-se e tomar um aspecto desastroso para a China, o que de resto pouco nos surpreenderia.

Num plano mais extenso, quais serão as consequências dum absorção da China pelo Japão? Há quem pretenda, baseado em exemplos históricos, que o número acabará por triunfar e que os japoneses serão, afinal, «digeridos» e assimilados pela massa formidável dos chineses. A hipótese é aceitável. Mas quando isso suceder, a raça amarela terá atingido um desenvolvimento de tal ordem que não nos são permitidas previsões muito optimistas sobre o futuro da raça branca.



Uma fase da penetração japonesa. Um ataque a muralha da China, quando da ocupação da provincia de Jehol



FREDDY BARTHOLOMEW é hoje um dos grandes nomes de cinema. O seu ordenado eleva-se a 1250 dólares por semana. Em boa verdade, desta quantia só pode retirar 10 dólares para as suas despesas pessoais. O resto é providentemente capitalizado e excede já uma centena de milhar de dólares. Mas a modesta verba de que dispõe é-lhe suficiente, dado que conta apenas 12 anos de idade.

O público português conhece já este pequeno actor, apesar das suas principais produções não terem sido ainda exibidas em Portugal. Viu-o há pouco tempo numa comvente criação de «Ana Karenina» onde a sua graça natural e ingénua quasi ofuscava em certas cenas a genial Greta Garbo.

Pois Freddy Bartholomew vive na sua existência privada um drama em que a sua recente fortuna desempenha importante papel. O célebre pequeno actor é objecto dum processo familiar, pelo qual seus pais e sua tia se digladiam, reclamando a sua posse. E o mais singular desta estranha história é que a justiça não está, como seria natural, do lado do pai e da mãe, mas sim do lado da tia com quem elle vive e cujos direitos se pretende contestar.

Por mais monstruoso que pareça, o pequeno Freddy foi vendido por 1000 libras quando tinha cinco anos de idade. A compradora foi sua tia Mabel, cujos propósitos eram, como vamos ver, inteiramente generosos. Os vendedores foram os pais, cuja falta de escrúpulos teve já o justo castigo na certeza do mau negócio que fizeram.

O caso passou-se em 1929. O casal Bartholomew vivia numa pequena cidade inglesa. O ordenado do marido era insuficiente para as exigências da esposa, que tinha a paixão dos prazeres, do teatro e dos belos vestidos. O filho, Freddy, permitia-lhes por vezes alimentarem certas esperanças. Todos eram unânimes em lhe reconhecer dotes excepcionais e muitos lhe profetizavam uma carreira gloriosa no cinema. Mas o tempo ia passando. As faculdades de Freddy

FREDDY BARTHOLOMEW

foi vendido aos 5 anos por 1000 libras

Um escandaloso processo familiar

não se impunham e a vida familiar continuava a decorrer numa mediania que fazia o desespero da mãe, ansiosa por gozar os prazeres que a vida oferece às mulheres vaidosas.

Foi nessa altura que interveio a tia Mabel. Solteira, vivendo dos seus rendimentos com desafogo, sentia que lhe faltava na vida um objectivo a que se consagrar. Reconheceu o talento invulgar do seu sobrinho e um plano se formou no seu espirito. Um dia procurou seu irmão e sua cunhada para lhe fazer a seguinte proposta: tomaria a seu cargo a educação escolar e artística de Freddy até à maioridade d'este e como

O pequeno artista Freddy Bartholomew com miss Mabel, sua tia e tutora

indemnização pagaria aos pais a quantia de mil libras. A hipótese da criança vir a ganhar dinheiro foi prevista. O produto do seu trabalho seria nesse caso dividido em três partes iguais: uma para Freddy, outra para os pais e outra para sua tia.

O contrato seduziu os progenitores do futuro artista. Mil libras era a possibilidade de comprar muitos vestidos novos, de dar novo brilho a uma existência que se lhes afigurava privada de in-

teresse. E o negócio fechou-se. Freddy passou a viver na companhia da tia Mabel e os pais trataram de gastar o mais agradavelmente possível o seu inesperado milhar de libras.

Durante cinco anos, miss Mabel, ocupando-se sempre em dar a seu sobrinho uma educação esmerada, fez várias tentativas para fazer valer o talento d'ele aos olhos dos produtores cinematográficos. Não era tarefa fácil. As crianças que os pais supõem prodígios enxameiam os arredores dos estúdios. Freddy conseguiu obter pequenos papéis mas não teve occasião de se revelar.

A tia Mabel era, porém, dotada de invulgar tenacidade e foi isso que decidiu o destino do pequeno actor. Á força de persistir, conseguiu ser recebida pelo director duma grande firma americana. Três dias mais tarde, tia e sobrinho partiam a caminho de Hollywood.

A prodigiosa carreira de Freddy Bartholomew ia começar. No filme «David Copperfield» extraído do imortal romance de Dickens, obteve o principal papel e o seu êxito foi estrondoso.

A seguir entrou em «Ana Karenina» e outros filmes. E finalmente consagrou-se na nova versão de «O pequeno Lord Fauntleroy», que constitue o coroamento duma das mais fulminantes ascensões que o cinema regista.

Esta imprevista celebridade despertou a cobiça dos pais. Filmava-se «Ana Karenina» quando Freddy e sua tia receberam uma citação judicial. Os pais tinham requerido telegraficamente às autoridades da Califórnia que fosse retirada a miss Mabel a tutela de seu filho.

Miss Mabel não teve dificuldade em demonstrar aos juizes toda a dedicação que consagrava ao pequeno actor desde o tempo em que o seu destino era ainda incerto e em chamar a atenção para a intempestiva manifestação de amor paternal que coincidia com a prosperidade de Freddy.

Em vista disso, o tribunal confirmou a tutela a miss Mabel mas concedeu aos pais um prazo de seis meses para recorrerem desta decisão.

Em Março último os esposos Bartholomew desembarcavam em Nova York, dispostos a pleitearem os seus pretensos direitos. Os advogados afluíram numerosos a oferecer os seus serviços, no desejo de participarem num processo que lhes prometia larga publicidade.

A luta pela posse de Freddy tomou um aspecto mais intenso do que nunca. A causa subiu ao Supremo Tribunal da Califórnia, cuja decisão foi uma vez mais favorável a miss Mabel. Mas a mãe continua a reclamar o seu filho e numa atitude melodramática ameaça ir lançar-se aos pés da esposa do presidente Roosevelt para que elle lhe seja restituído.

Freddy continua a trabalhar em silêncio. Mas no seu cérebro precocemente desenvolvido, por detrás daqueles olhos profundos e sonhadores, passam sem dúvida estranhas reflexões.



Uma cena do filme «David Copperfield», inspirado no romance de Charles Dickens, e que constituiu a sensacional revelação do pequeno actor Freddy Bartholomew

O CORAÇÃO ARTIFICIAL

inventado por Lindbergh e Alexis Carrel

COMO SE CONSERVAM VIVOS OS ÓRGÃOS
EXTRAIDOS DO CORPO DUM ANIMAL

UMA invenção sensacional associou recentemente os nomes do célebre aviador norte-americano Charles Lindbergh e do grande cirurgião francês Alexis Carrel. Para o que o ignorem, convem dizer que este último é hoje uma das mais altas figuras do Mundo científico. A ele se devem as primeiras operações de enxertia de órgãos humanos. Há pouco tempo publicou um livro intitulado «L'homme, cet inconnu» que despertou em todo o Mundo um grande movimento de interesse e suscitou apaixonadas discussões.

A invenção de Lindbergh e Alexis Carrel consiste num coração artificial, isto é um dispositivo mecânico destinado a fazer circular o sangue em condições exactamente idênticas às que se verificam no interior do organismo do homem e de outros mamíferos.

O alcance desta invenção nos domínios da biologia e da histologia é muito maior do que à primeira vista pode supor-se. Substituindo a circulação sanguínea natural por outra gerada pelo aparelho, é possível conservar vivos e em estado de crescimento órgãos animais isolados. Assim, pela aplicação do invento conseguiu-se conservar-se durante semanas, corações, rins, ovários, etc., nas mesmas condições que se estivessem no interior do corpo a que pertenciam. Compreende-se bem que este facto é da mais alta importância para o estudo do funcionamento desses órgãos.

A ciência atinge deste modo um objectivo que muitos sábios antes de Lindbergh e Carrel tinham perseguido em vão. Efectivamente, a primeira tentativa do género parece datar de 1866. Coyon, no seu laboratório conseguiu conservar durante 48 horas as palpações do coração dum rã separado do corpo do animal. Brown-Séquard efectuou no mesmo sentido experiências aluci-

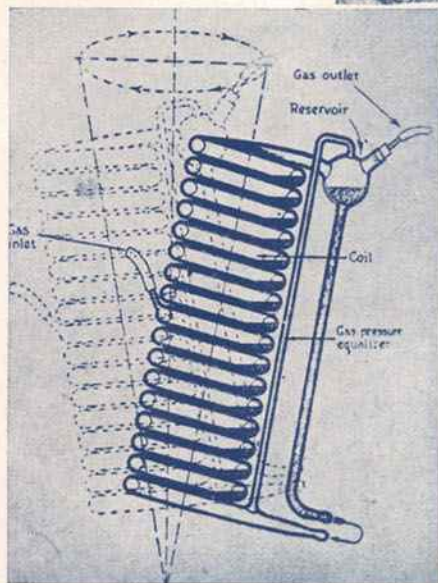
nantes. Decapitou animais e conservou as cabeças fazendo circular sangue pelas carótidas. Pôde dêsse modo verificar a persistência de certas funções do cérebro.

Mas tanto estes como outros investigadores esbarraram sempre com a mesma dificuldade. Os órgãos sobre que realizavam as suas experiências infectavam rapidamente e a sua morte total sobrevinha em curto prazo.

Nos seres vivos, a Natureza organiza em condições perfeitas a assésia interior. Em condi-



O professor Alexis Carrel, segundo um desenho de P. Lamure



Esquema do coração artificial inventado por Lindbergh e Carrel

ções normais, o sangue e os tecidos musculares estão isentos de micróbios. Só o tubo digestivo se encontra constantemente infectado e isso explica o perigo duma perfuração intestinal que abre aos micróbios uma entrada para o organismo.

Pela epiderme, pela boca, pelos pulmões, o corpo está a todo o momento sujeito aos assaltos dos micróbios. Mas o sangue possui contra eles, um meio de defesa constituído pelos glóbulos brancos, cuja missão consiste em barrar a passagem à invasão. Se os glóbulos brancos são vencidos nesta luta, segue-se a infecção que conduz à morte. No interior de qualquer organismo vivo travam-se, portanto, em cada segundo que passa, batalhas decisivas de cuja importância nem sequer suspeitamos.

Sem esta faculdade de sangue, a existência dos organismos superiores seria impossível. No seu belo livro «A guerra dos Mundos», Wells imagina a Terra invadida por Marcianos que, apesar de disporem de poderosos meios, são vencidos por não terem podido resistir à invasão dos micróbios, a que não se encontravam adaptados

e contra os quais não possuem meios de defesa naturais.

Ora com os órgãos isolados submetidos a experiências de laboratório sucede um caso idêntico ao imaginado por Wells com os Marcianos.

O sangue não se comporta do mesmo modo que nos animais e ao fim de pouco tempo a infecção introduz-se nos tecidos e destrói-os. As razões do facto são mal conhecidas. É possível que tenham origem no facto de a irrigação sanguínea não se fazer tão perfeitamente ou em qualquer outro motivo que escapa por agora à observação humana.

Daí, portanto, a necessidade de manter todo o conjunto de experiência em estado de rigorosa desinfecção. Não só o órgão precisa de se manter num ambiente perfeitamente asséptico como todo o aparelho de circulação artificial deve estar isolado e fora do alcance dos micróbios que pulam na atmosfera. O invento de Charles Lindbergh e Alexis Carrel consiste em terem criado um coração artificial que preenche, de maneira satisfatória estas condições.

O processo seguido nas experiências é o seguinte: os animais, em geral gatos ou galinhas, são sacrificados e o órgão que se pretende estudar é cuidadosamente extraído. Coloca-se em seguida esse órgão numa solução nutritiva, composta do soro sanguíneo, insulina, tiroxina, vitaminas e um reagente corado cujas variações indicam o estado da saúde do sujeito da experiência. As veias e artérias são depois ligadas ao coração artificial que faz circular nelas o sangue, em condições idênticas às do animal em vida.

Os órgãos assim tratados crescem normalmente e desempenham as suas funções características. Este facto permite-nos tirar as mais assombrosas conclusões. Desde que é possível conservar um cérebro fora do corpo humano e que este continua a funcionar, nada impede que amanhã por meio de aparelho dum grande delicadeza se capturem os impulsos nervosos ou eléctricos resultantes da actividade mental e se chegue a «conversar» com esse órgão isolado. Mas no domínio das fantasias justificadas podemos ir ainda mais longe. Poder-se-iam colocar no aparelho órgãos reprodutores, como os ovários, e provocar a sua fecundação, de que resultaria o nascimento de singulares produtos de laboratório.

Como se vê, o invento de Lindbergh e Alexis Carrel constitui um passo sensacional no caminho da fabricação da vida artificial.



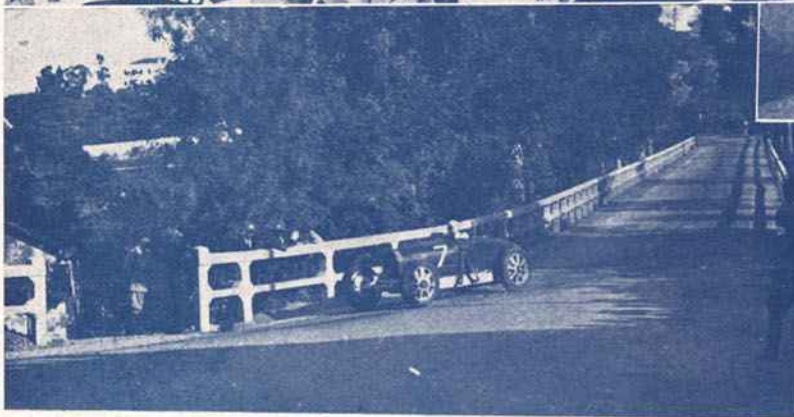
O coronel aviador Charles Lindbergh

CIRCUITO AUTOMOBILÍSTICO DE SANTARÉM



COM enorme assistência realizou-se no dia 31 do mês findo em Santarém um circuito automobilístico que fez parte das festas que tem assinado a Exposição-Feira daquela cidade, a que nos referimos no nosso último número.

A prova, cheia de dificuldades dum grande interesse desportivo, constituiu um admirável espectáculo e terminou com as seguintes classificações: 1.º, Jorge Monte Real, em «Bugatti», em 1 h. 14 m. 18 s. 20; 2.º, Eduardo Ferreirinha, em «Ford», em 1 h. 14 m. 48 s.; 3.º Manuel de Oliveira, em «Ford», em 1 h. 16 m. 33 s.; 4.º, H. Rugeroni, em «B. T. R.», em 1 h. 18 m. 38 s. 40; 5.º, Soares Mendes, em «Alfa-Romeu», em 1 h. 14 m. 22 s. 60.



Ao alto: Jorge Monte Real, o vencedor da prova, junto do seu «Bugatti».
Em baixo: Três fases da disputa do Circuito

QUADROS DE PINTORES PORTUGUESES EXPOSTOS EM PARIS



Os ilustres pintores mestre Carlos Reis e João Reis, que à sua arte consagram uma actividade tão proficiente como intensa, são actualmente os embaixadores da pintura portuguesa num grande certame da capital francesa. Cada um deles enviou um dos seus quadros ao «Salon des Artistes Français» que se realiza actualmente em Paris. Damos acima a reprodução dessas obras que são apresentadas com as legendas «Souvenir d'Antan» e «Vieux Pêcheur», da autoria respectivamente de Carlos Reis e João Reis. O mérito das duas telas autoriza-nos a dizer que Portugal se encontra condignamente representado numa manifestação artística de tanta envergadura como é o «Salon des Artistes Français».

Sabemos que os trabalhos dos ilustres pintores têm merecido da crítica e do público parisiense as mais lisonjeiras referências. Não é esta, de resto, a primeira vez que Carlos Reis e João Reis representam com pleno êxito no estrangeiro a pintura portuguesa. O facto é, sem dúvida, digno de elogios e por isso aqui o registamos com o nosso aplauso.

A VIDA DE BOCAGE

serve de tema ao novo filme de Leitão de Barros

LEITÃO DE BARROS trabalha num novo filme, inspirado na vida do grande poeta Bocage. O nome do realizador da «Severa» e das «Pupilas do Senhor Reitor» é, por si só, a garantia duma obra conscienciosa e digna do tema escolhido. Mas tudo indica que, com este novo trabalho, Leitão de Barros se propõe superar tudo o que tem feito e dar-nos uma produção de grande classe, que abra à indústria nacional novos horizontes. A filmagem dos exteriores do novo filme prossegue com grande actividade e encontra-se já bastante adiantada. Os locais onde ela se tem efectuado são o bairro da Lisboa Antiga, construído sob a direcção de Matos Sequeira para as Festas da Cidade do ano passado, e o palácio Fronteira. Brevemente filmar-se-ão cenas no palácio de Queluz. O papel de Bocage é interpretado pelo actor Raul de Carvalho e pelas fotografias aqui reproduzidas pode o leitor ajuizar do valor da criação do ilustre actor, que ficará decerto

A' DIREITA: Bocage regressa doente da Índia



como uma das coroas de glória da sua carreira. A vida agitada do grande vate, estudada com o maior rigor histórico, vai dar amplo assunto para um filme cheio de movimento e emoção.

EM CIMA: Anália, a flor da paixão. A' DIREITA: O poeta entre damas



EM CIMA: Não me cheira! — graciosa cena interpretada pelo comediógrafo e jornalista Lino Ferreira, que com o actor António Silva, desempenham o papel de esbirros do Santo Ofício. A' DIREITA: Bocage, poeta das ruas, persegue um frade com os seus motejos

A MELANCOLIA

de DÜRER

QUEM profundar a vida do excelso artista que foi Alberto Dürer, compreenderá quão pavoroso deveria ser o seu estado de alma ao traçar, a buril, sobre uma chapa de cobre, a famosa gravura "Melancolia".

Alberto Dürer, tendo conseguido triunfar como nenhum outro artista, arrastou desde o berço à cova a mais atribulada existência que possa imaginar-se.

Contrariado desde a infância por seu pai que o queria fazer ourives, o pequeno Alberto aproveitava todos os momentos para garatujar, às escondidas, os seus desenhos que lhe haviam de render uma celebridade gloriosa. Julgando comover o autor dos seus dias, desenhou-lhe, um dia, o retrato — e tão perfeito êle ficou, que o próprio Wohlgemuth, o maior pintor de Nuremberg e seus arredores, se dignou ir vê-lo e admirá-lo.

Tempos depois, emancipando-se da rígida tutela paterna, deu largas ao seu talento com toda a pujança da sua mocidade. As suas gravuras eram já conhecidas em toda a Europa civilizada, e o seu nome festejado como o dum consagrado autor que levava ao seu atelier o imperador Maximiliano I, Carlos V e seu irmão Fernando I. Foi nessa altura que se apaixonou pela formosa Inês Frey, não descansando enquanto não a tornou sua esposa. Terrível desilusão lhe estava destinada ao aperceber-se de que a beleza dessa mulher que o cativara era apenas o invólucro da mais pavorosa maldade que lhe havia de atormentar a existência. Ciumenta, resmungona e avara, os defeitos da consorte aumentavam à medida que os dotes físicos iam definindo com a acção do tempo.

A formosa Inês Frey estava transformada, a breve trecho, numa honrosa megera, cuja missão parecia consistir apenas em amargurar a vida do marido.

Suplício idêntico estava suportando em Itália o seu ilustre confrade Andrea del Sarto, torturado pelas diabruras da esposa Lucrecia della Fede. Simplesmente, o desventurado Andrea morreu balbuciando numa prece o nome da ingrata que tanto o fizera sofrer, ao passo que Alberto Dürer agüentava o martírio por não poder quebrar as algêmas do casamento.

Assim viveu durante trinta e quatro anos que teriam sido mais alegres se os tivesse passado adentro das paredes frias duma penitenciária!

Para satisfazer os caprichos da consorte, aceitou encomendas de planos de fortificações que eram mais bem pagos do que os bonecos alegóricos que costumava fazer. Assim, deixou um magnífico tratado constituído por 19 estampas que modificaram por completo a tactica guerreira do seu tempo. Trabalhou ativamente em obras de arquitectura, publi-

cou uma "Instrução para medir a compasso e a régua", deu á estampa "Quatro livros das proporções do corpo humano", absorveu-se num trabalho fatigante e exaustivo, e só para satisfazer a ambição da esposa, que exigia dinheiro, dinheiro, muito dinheiro.

Foi num desses dias de desalento que o artista genial traçou a sua "Melancolia", que Gabriel D'Annunzio havia de traduzir assim:

"O grande anjo terrestre com asas de água, o Espírito sem sono, aureolado de resignação, estava sentado na pedra nua, com o coto-vêlo sobre o joelho, a face encostada á mão, tendo sobre as côxas um livro, e na outra mão um compasso. A seus pés jazia, enovelado como uma serpente, o cão fiel, o cão que na alvorada dos tempos foi o primeiro a caçar em companhia do homem. Ao lado, empoleirado na aresta duma pedra, como uma ave, dormia a criança já triste, empunhando o estilete e a tabuinha onde devia escrever a primeira palavra da ciência. Em volta estavam espalhados instrumentos das artes humanas; e sobre a cabeça vigilante, na extremidade duma asa, corria na dupla ampulheta a areia silenciosa do Tempo. Ao fundo via-se o Mar com os seus golfos, portos e faróis, calmo e indomável, sobre o qual, á hora em que o sol se escondia num esplendor de arco-íris, voava o morcego crepuscular, com a palavra reveladora gravada nas membranas. Aqueles portos, aqueles faróis e aquelas cidades, fôra êle, o Espírito sem sono e aureolado de resignação, quem os construiu. Desbastou a pedra para as torres, cortou o pinheiro para os navios, temperou o ferro para todos os combates. Êle próprio impôs ao Tempo o instrumento que o media. Sentado, não para descansar, mas para meditar um novo trabalho, olhava atentamente a Vida, com os seus grandes olhos, onde brilhava a alma livre. De todas as formas circundantes, à excepção de uma, evolava-se o silêncio: apenas se ouvia a voz do fogo avermelhando-se na forja, por debaixo do cadinho, onde, da matéria sublimada, devia gerar-se uma virtude nova para vencer um mal ou conhecer uma lei. E o grande



Melancolia — famosa gravura de Alberto Dürer

Anjo terrestre com asas de água, que trazia suspensas da sua cinta de aço as chaves que abrem e fecham, respondia assim aos que o interrogavam: "O sol põe-se. A luz que nasce do ceu, morre no ceu; e um dia ignora a luz dum outro dia. A noite, porém, é uma, e a sua sombra estende-se sobre todos os rostos e a sua cegueira sobre todas as palpebras, com excepção do rosto e das pálpebras daquêle que conserva o seu fogo acêso para iluminar a sua força. Eu sei que o vivo é como o morto, o acordado como o dormente, o mancebo como o velho, visto que a mudança tem a dôr e a alegria por companheiras iguais. Sei que sou e não sou, que ha um único caminho para baixo e para cima. Conheço o cheiro da podridão e das infecções inumeráveis, próprias da natureza humana. Contudo, para além do meu saber, eu continuo a realizar as minhas obras, claras ou ocultas. Vejo que umas morrem, e eu vivo ainda; vejo outras que parecem destinadas a durar, eternamente belas e imunes de miséria, e que não são já minhas, embora nascidas dos meus males mais profundos. Vejo mudar todas as coisas pelo fogo, como os bens diante do ouro. Só uma coisa é constante: a minha coragem. Sento-me apenas para me levantar."

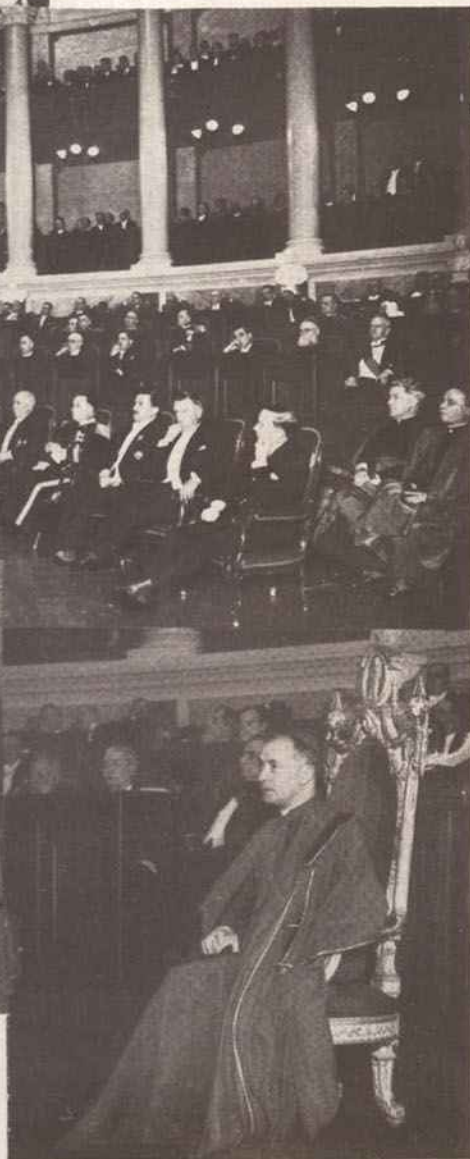
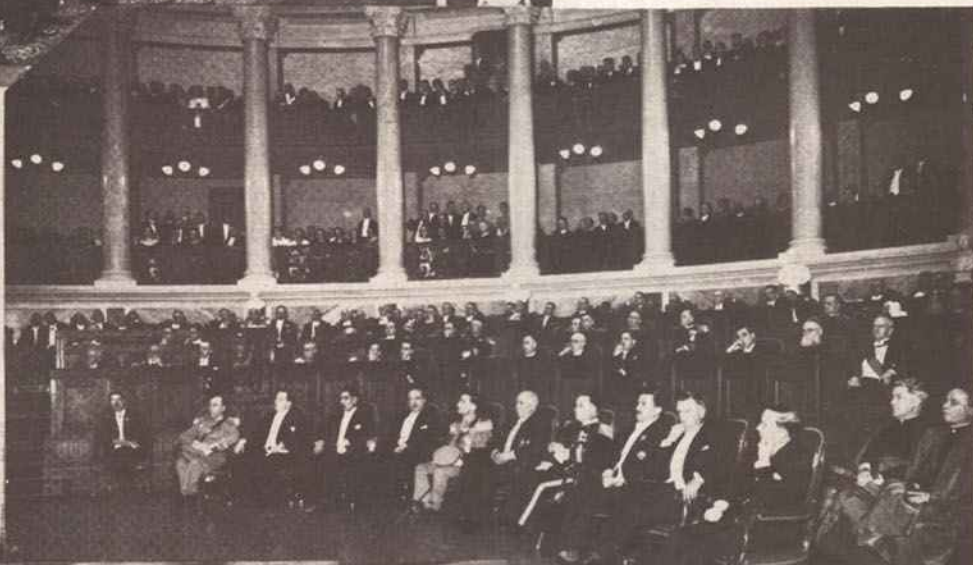
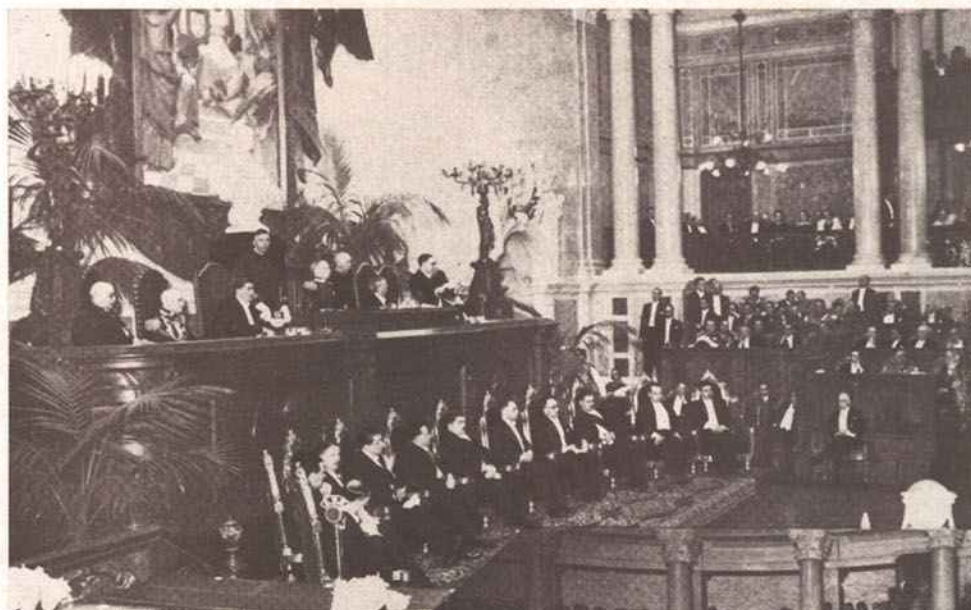
Alberto Dürer foi eloquente neste seu formoso trabalho que pode ser considerado o esquêma da sua tristeza, o gráfico sintético da sua amargura, o mais fiel expoente do seu desalentado estado de alma.

O maior, para dizer o mesmo, teria de gastar um livro volumoso, ao passo que nesta formosíssima gravura está todo um tratado de filosofia.

I CONFERÊNCIA ECONÓMICA DO IMPÉRIO COLONIAL

Colónias e traçou os planos duma política futura no sentido do fortalecimento dos laços que unem as diversas partes constitutivas do Império.

Dois aspectos da sala das sessões da Camara Corporativa durante o acto inaugural da Conferência. A' ESQUERDA: O Chefe do Estado condecorando o sr. ministro das Colónias



No Palácio da Assembleia Nacional inaugurou-se no dia 8 d'este mês a Primeira Conferência Económica do Império Colonial, de cuja sessão solene de abertura as fotografias que ilustram esta página reproduzem alguns aspectos.

Presidiu ao acto inaugural o sr. Presidente da República e assistiram os membros do Governo, o sr. Cardial Patriarca, o Corpo Diplomático e delegados de todos os nossos domínios ultramarinos.

A sessão realizou-se na sala da Camara Corporativa, que se encontrava para esse fim luxuosamente ornamentada e iluminada. Na mesa da presidência o Chefe do Estado dava a direita

aos srs. Presidente do Conselho, general Eduardo Marques, presidente da Camara Corporativa, e coronel Vicente Ferreira, vice-presidente da Conferência, e a esquerda aos srs. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, ministro das Colónias, e dr. Aires Kopke, vice-presidente do Conselho do Império.

Aberta a sessão, o sr. Presidente do Conselho proferiu um discurso que constituiu uma notável lição de economia colonial. Definuiu a solidariedade de interesses entre a Metrópole e as

EM CIMA: Os espelhos dos ministros assistindo à sessão. A' DIREITA: O sr. Cardial Patriarca de Lisboa

Usaram depois da palavra os srs. ministro das Colónias e dr. Marques Mano, este último em nome das delegações coloniais à Conferência.

No final, o Chefe do Estado após aos srs. ministro das Colónias e coronel Vicente Ferreira as insígnias da Ordem do Império Colonial com que foram agraciados.

Festa de caridade na Escola de Mecânicos de Vila Franca



Na tarde de 7 do corrente realizou-se na Parada da Escola de Mecânicos, em Vila Franca de Xira uma interessante festa de caridade a favor das vítimas das inundações do Ribatejo. Organizou-a o ilustre comandante daquela unidade, sr. capitão de fragata Palma Lamy, que foi secundado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte: D. Lucia Infante de La Cerda Monteiro, D. Maria Marques Ortiz de Bettencourt, viscondessa da Merceana, D. Maria Isabel Roldan y Pego Ramires, D. Maria Palha Teotónio Pereira, D. Isabel Assis Palha, D. Virginia Diogo da Silva Cancele de Abreu, e D. Maria da Conceição Graça Van-Zeiler.

O programa constou de vários exercícios por um pelotão de



Ao alto: Um aspecto da Parada durante o festival. Por baixo: As mesas dos srs. ministros dos Negócios Estrangeiros e da Marinha. A' esquerda: Exercícios de manejo de armas.

marinha, de assaltos de esgrima de sabre e de florete, por aspirantes de marinha, de várias evoluções por uma esquadilha de três hidro aviões da Base do Bom Sucesso, e de «chá dansante». A festa deixou a mais grata recordação na selecta assistência que enchia por completo os belos jardins da parada.

As festas do X aniversário da Revolução de 28 de Maio



COMEMORANDO o X aniversário da revolução de 28 de Maio, realizaram-se iluminações noturnas em diversos pontos da capital. As duas gravuras que publicamos acima, reproduzem aspectos da decoração luminosa do Rossio durante a noite. A' esquerda um aspecto do conjunto tirado do elevador de Santa Justa, vendo-se o Teatro Nacional ao fundo. A' direita um pormenor da iluminação, vendo-se um dos postes erguidos para êsse fim.

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

A sosia de Shirley Temple



Um jornal francês teve a ideia de organizar um concurso de sócias da pequena actriz Shirley Temple. Foram numerosas as concorrentes, em muitas das quais a semelhança só existia na imaginação dos pais. Finalmente, foi eleita Ginette Marboeuf-Hoyet a quem os organizadores facultaram uma viagem à América. Aqui a vemos em companhia da autêntica Shirley. Qual delas é a verdadeira? Porque é na verdade difícil distingui-las, diremos que é a da direita, que veste um traje de 1850 com que aparece no filme «Dimples», em que trabalha actualmente.

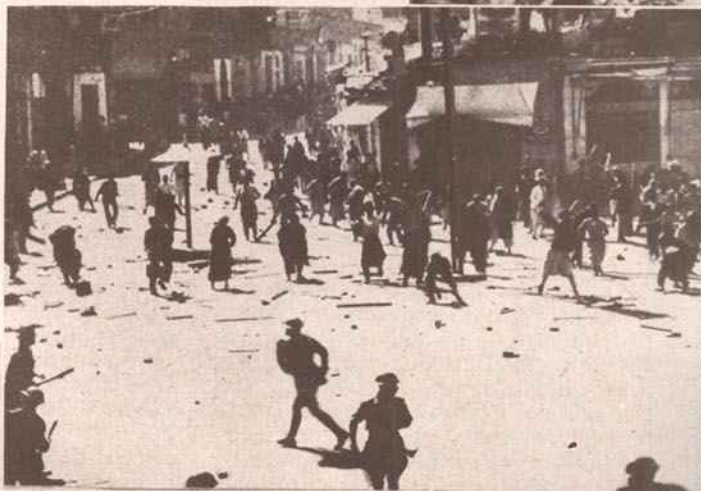
Tumultos na Palestina

A agitação dos árabes contra os judeus prossegue na Palestina com uma intensidade inquietante. Os actos de terrorismo sucedem-se e o conflito, longe de atenuar-se ou circunscrever-se, toma de dia para dia maior extensão. A Inglaterra, empenhada em manter a ordem, concentrou na região forças do Exército que ascendem já a muitos milhares de homens. Todas as tentativas de conciliação se têm malogrado e o número de vítimas aumenta todos os dias. O impressionante instantâneo que abaixo reproduzimos mostra uma força inglesa atacada com paus e pedras pelos inimicantes árabes.



Orações pela Paz

O Japão continua a ser o país dos contrastes, incompreensíveis para a nossa mentalidade de europeus. Recentemente, os sacerdotes budistas realizaram preces públicas a favor da Paz no templo do Senso-ji, em Tóquio. A cerimónia coincidiu com a realização de manobras de defesa aérea pelo que os sacerdotes oficiaram com máscaras contra os gases asfixiantes. Aqui os vemos a caminho do templo, afim de invocar sob a protecção desses artefactos, a protecção divina contra os perigos duma guerra.



O Négus em Londres

HAILE SELASSIÉ, depois de ter abandonado a Abissínia, ante a invasão italiana, dirigiu-se à Palestina e dali seguiu para Londres. A sua visita provocou considerável interesse. A gravura ao alto mostra o carro do Négus à saída da estação de Waterloo e em baixo o imperador depondo uma coroa de flores no monumento aos mortos ingleses da Grande Guerra.



O chanceler austríaco Schuschnigg, que fez há dias uma sensacional viagem à Itália onde conferenciou com Mussolini, procura reforçar a «Frente Patriótica». Ei-lo, numa atitude pouco conhecida, ao proferir um veemente discurso em que apela para a união dos austríacos.



S. João Baptista

COM o mês de Junho surge a alegria esufiante das festas dedicadas a Santo António, S. João e S. Pedro — alegria que se repercute de bairro em bairro, não obstante a rigidez implacável que esses três santos mantiveram durante toda a sua passagem por este mundo.

Quem nos havia de dizer que o nosso austero Santo António, cuja brônzea virtude tanto agradou ao severo S. Francisco de Assis, se tornaria no santo divertido que parlia as bilhas das raparigas, só para ter o prazer de lhas consertar?



Santo Antonio, por Moroni

Quem poderia calcular que o lívido Precursor que tanto clamou contra a vida desregada de Herodes, a ponto de largar a cabeça hirsuta na salva da Salomé, se tornaria um galanteador ameno que só

.... para ver as moças
Fez uma fonte de prata?

Quem nos diria que o velho pescador da Galileia, tendo largado as redes do seu ofício para se fazer "pescador de almas", se havia de transformar no santo animador dos ranchos de foliões, nas suas marchas festivas:

O santo claviculário, que, antes da partida para Roma, onde deveria fixar o sólio pontifício, se dirigia aos estrangeiros dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, rogando-lhes que se "absolvessem dos desejos carnisais que combatem contra a alma", ainda havia de acompanhar a mocidade nos seus descantes da noite de 29!

Grande é o poder da lenda! Na sua segunda epístola, S. Pedro elucida com largueza o feio pecado de negar o Divino Mestre, como ele o havia negado, pouco antes, no pátio de Caifaz...

Segundo o depoimento de S. Mateus, "Pedro estava assentado fora no átrio, e chegou a ele uma criada que lhe disse: — Tu também estavas com Jesus, o Galileu.

"Mas ele o negou diante de todos, dizendo: — Não sei o que dizes.

"E saindo ele à porta, viu o outra criada, e disse para os que ali se achavam: — Este também estava com Jesus Nazareno.

"E segunda vez negou, com jura-

O PODER DA LENDA

OS SANTOS DE JUNHO

COMO FORAM E COMO POVO OS ENTENDE

mento, dizendo: — Juro que tal homem não conheço!

"E daí a pouco, chegaram-se uns que ali estavam, e disseram a Pedro: — Tu certamente és também dos tais, porque até a tua linguagem te dá bem a conhecer.

"Então começou a fazer imprecações e a jurar que não conhecia tal homem. E imediatamente cantou o galo. E Pedro se lembrou das palavras que lhe havia dito Jesus: — Antes de cantar o galo, três vezes me negarás!

"E, tendo saído para fora, chorou amargamente. E' este mesmo S. Pedro que declara, tempos depois, do alto da sua autoridade:

"Houve, porém, no povo até falsos profetas, assim como também haverá entre vós, falsos doutores que introduzirão seitas de perdição, e negarão aquele Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos apressada ruína."

A grandeza do arrependimento intensificara a firmeza do catequizador.

Pois a lenda, pondo tudo isto de parte, criou um S. Pedro completamente novo, sem tiara nem quaisquer outros atributos pontifícios, concedendo-lhe apenas as chaves dum céu todo prazeres, delícias e venturas que não deverá ser negado a todos aqueles que mais se divertirem na noite dedicada ao condescendente e bondoso porteiro do paraíso.

Com o Baptista sucedeu o mesmo. Nada resta do irado Precursor que, com estas coisas, nem pretende, pelo visto, tomar conhecimento com o rígido Baptista da Judeia que, na



Venerabilis Sancti Antonii Monachi in Ecclesia Lytaniarum Romae

flor da idade, golfou a vida, numa última maldição contra o tetrarca que o encarcerara para não o ouvir.

A lenda habituou-nos a ver um S. João tão rosado e belo como quando "adormeceu nas escadilhas do côro", e que, não tendo os conhecimentos náuticos do pescador S. Pedro, nem por isso deixa de ser implorado nesse sentido pela alma simples do nosso povo:

O meu rio S. João,
O meu Santo marinheiro,
Levai-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

Se o Baptista voltasse a este mundo e ouvisse tudo isto, havia de sorrir complacente, apesar da rigidez dos seus princípios — e quem sabe? — talvez fizesse o milagre a quem melhor o merecesse.

Com o nosso Santo António passa-se precisamente o mesmo. A sua vida dedicada às coisas de Deus, nunca lhe deu tempo para lançar um fugidio olhar às coisas terrenas. No entanto, Santo António é o casamenteiro das raparigas, e, fazendo aparecer as coisas perdidas, está ainda adentro do seu pelouro fazer encontrar um noivo de que ninguém poderia sonhar o paradeiro.

E a voz das moças suplica sempre:

Santo Antoninho,
Lá do Bomfim
Dai-me um menino a mim...
Para reclamo, se for gordinho
Há-de chamar-se Antoninho!

Que importa que as páginas eruditas do *Flos Sanctorum* nos apresentem os três santos de Junho revestidos das mais altas virtudes, e inaccessíveis, portanto, à natural tendencia humana, se o povo os adaptou à sua compreensão, modelando-lhes as imagens como melhor entendeu? Quando se fala em S. Pedro ninguém se lembra de que ele foi o primeiro papa, nem que recebeu de Cristo a missão de fundar a sua igreja, mas que é o porteiro do céu, e, como tal, deve figurar num lindo andar às costas da multidão entusiasmada por uma noite de festa.

De S. João, ninguém quer saber o que ele pretendia nas suas pregações através dos desertos da Judeia, mas que na sua noite se devem queimar alcaçofras, tomar o bochecho de água para se saber o nome do noivo desejado, e apanhar as orvalhadas que, nesta altura, são benditas.

Um Santo António, metido num hábito de franciscano, hirto, rígido e severo, cumpridor rigoroso das instruções do *Powerello* de Assis, ninguém o entenderia. Mas falem ao povo rude no Santo Antó-



S. Pedro

nio que foi salvar da força o próprio pai, durante o tempo que leva a resar uma Ave-Maria, que pregou aos peixes e quebrava por brincadeira as bilhas às raparigas, e que toda a gente lhe renderá culto.

E, se pensarmos bem, nem por isso deixa de ter menos fé.

O povo rude afeiçoou-se aos seus santos e tornou-os confidentes dos seus segredos e até das aspirações gratíssimas que andou acalentando, numa ânsia crescente, durante anos e anos sem os ter revelado a ninguém.

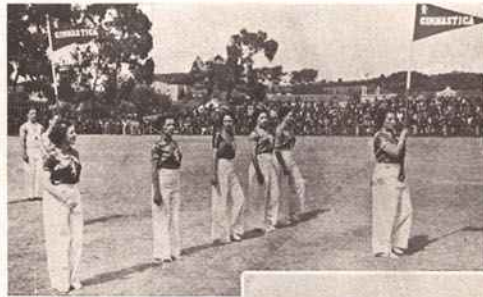
Se os santos se apresentassem ante as massas populares com o seu ar severo, carrancudo e intolerante, quem teria coragem de se lhes dirigir a duplicar a valiosa intercessão junto de Deus?

Qualquer dos três santos populares de Junho descem no seu dia à terra a confraternizar com os seus devotos e a dar-lhes alento para a dura jornada da existência.

O Baptista, pelo que se vê, desvaneceu um pouco o seu rigor que impunha dura penitência a todos os que se lhe dirigiam a receber o banho das águas lustrais do Jordão. Talvez que o Santo Precursor levasse em conta que só o facto de se viver nos tempos de hoje já constitui uma expiação dos delitos dos nossos antepassados.

E assim na noite de S. João, tudo baila, tudo folga, tudo se diverte até clarear a madrugada, sob a unção bendita do ródio matutino que, nesse alvorecer festivo, tem virtude redobrada.

Gomes Monteiro.



O espectáculo foi imponente e deu prova cabal do grande desenvolvimento da agremiação, da disciplina da sua actividade e ainda do entusiasmo clubista da massa associativa. Merece

A poucas semanas de intervalo, os dois mais populares clubes de Lisboa festejaram o seu aniversário. Foi primeiro o Sport Lisboa e Benfica, a cujas organizações nos referimos oportunamente, e depois o Sporting Club de Portugal de cujas festas apresentamos hoje alguns interessantes aspectos.

Trinta anos completou o Sporting, numa constante actividade progressiva, marcando sempre o seu lugar entre as primeiras agremiações desportivas do País, cujas cores os seus atletas bastas vezes defenderam com brilhantismo.

Nascido numa dissidência do antigo Campo Grande Football Club, que em consequência veio a extinguir-se, o Sporting viveu de início conduzido pelo entusiasmo juvenil de José Alvalade que sempre sonhou fazer do seu club "qualquer coisa de grande que não envergonhasse o País".

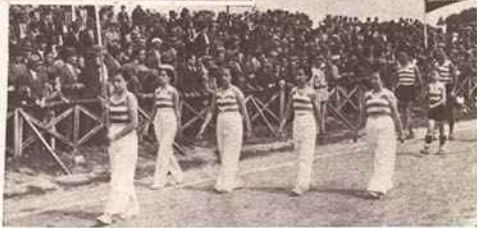
Os sucessores da sua obra fizeram-lhe a vontade, desenvolvendo o valor da colectividade tanto em mérito absoluto como em expansão. Dividindo a actividade das suas secções por quasi todos os desportos praticados em Portugal, o Sporting possui um historial glorioso e relevantes serviços lhe devem a propagação desportiva e a causa da educação física.

Foram talvez estas razões que levaram o Governo da Nação a galardoar a colectividade com a comenda da Benemerência que, por ocasião das festas deste aniversário foi colocada no respectivo estandarte pelo sr. Presidente da República.

Para revestir esse acto duma solenidade condigna, os dirigentes do Sporting organizaram no seu campo de jogos uma parada desportiva na qual se incorporaram delegações dos praticantes das dezoito modalidades cultivadas no club.



Aspectos da parada comemorativa do 30.º aniversário do Sporting — Em cima: A secção feminina de ginástica. Ao centro: Os representantes do atletismo tendo como guia o atleta olimpico Palhares Costa. Em baixo: A delegação dos jogadores do basket-ball



o Sporting sinceras felicitações pela forma cuidada e garbosa da apresentação dos seus atletas; a centena e meia de desportistas que alinharam no desfile, tanto pelo impecável equipamento e pelo apurmo do porte como pela ordem meticolosa das evoluções são bem dignos dum louvor, pois, citados como exemplo ante as mais elevadas individualidades do País prestaram relevante serviço ao prestígio do desporto português na sua mais nobre função educativa.

Uma referência especial para o elemento feminino que trouxe, à parada, uma nota de elegância e de frescura. As raparigas da secção de basket e as senhoras da classe de ginástica, com seus garridos trajos branco e verde, desfilarão com tal correcção e galhardia que algumas delegações masculinas desejariam igualar.

A esgrima incluía no grupo dos seus representantes duas senhoras, que completaram o contingente feminino na falange sportinguista e deram um belo

A QUINZENA DESPORTIVA

exemplo, mostrando a sua preferência pelo nobre jogo das armas, tão apropriado às qualidades do seu sexo.

O nosso colega "Os Sports" promoveu na Sala Portugal da Sociedade de Geografia um sarau de ginástica para apresentação das classes dos seus Cursos Infantís, uma das mais notáveis obras de assistência popular que, no campo de educação física, funcionam no País.

A festa resultou num verdadeiro triunfo, não só pelo valor das diversas exhibições constantes do programa, mas

principalmente pelo extraordinário êxito de interesse público que despertou, conseguindo encher em absoluto o amplo recinto, onde se acumularam cerca de dez mil pessoas, e obrigando os organizadores a vedar a entrada a algumas centenas mais que, por falta de espaço para acomodação, ficaram na rua.

Quem nos diria, alguns anos atrás, que uma simples festa de ginástica infantil conseguia atrair tamanha multidão e prender-lhe durante três horas consecutivas a atenção, despertando um entusiasmo que bastas vezes se exteriorizou em ovações calorosas!

São estes sintomas espontâneos, o melhor certificado dos progressos na divulgação da educação física conseguidos por intermédio da campanha intensa mantida sem desânimo pela imprensa especializada e pelos propagandistas da causa. Bem hajam uma e outros.

O sarau organizado por "Os Sports" correspondeu, de principio a fim, à expectativa suscitada; as duas classes apre-

sentadas, e constituídas por alunos da Associação Escolar de Ensino Liberal e do Ateneu Ferroviário, foram impecáveis na execução dos seus exercícios, demonstrando a competência do professor José Júlio Moreira que dirigiu as suas evoluções.

Não menos interessante, embora de valor pedagógico diferente, foi o desfile em saudação às entidades oficiais representadas, dos contingentes delegados pelos vários cursos mantidos por "Os Sports" em Lisboa e arredores, incorporando aproximadamente seiscentas crianças num cortejo vibrante de alegria juvenil, de apurmo e disciplina, as quais deram público testemunho dos ótimos resultados alcançados com as lições dos seus professores de ginástica.

Festas no género desta, devem repetir-se com frequência; depois do Concurso da iniciativa do Gimnásio Club, o festival de "Os Sports", pelas suas características essencialmente populares completou um ciclo brilhante de actividade, que não deve ficar em tão bom caminho.

A época internacional de tennis, actualmente em marcha rápida para o acontecimento máximo, que é a final da Taça Davis, parece prometer-nos este ano sensacionais revelações.

A primeira surpresa já verificada foi a eliminação dos Estados Unidos pela Austrália no match decisivo da zona americana.

Desde 1927, data em que o trio Borotra-Cochet-Lacoste lhes arrancou o precioso trofeu, os jogadores norte-americanos foram sempre os apurados da sua zona e, com uma única excepção, os finalistas. Ninguém esperava a derrota sofrida ha dias, levando para mais a vantagem de jogarem no seu país.

Os australianos, que antes da guerra, no tempo em que Wilding era o primeiro jogador do mundo, haviam sido detentores da Taça, encontraram este ano no veterano Crawford e no jovem Quist, dois representantes valorosos e capazes de alcançar o triunfo decisivo.

A vitória sobre os Estados-Unidos foi, desta vez também, decidida pelo resultado do encontro de pares. O americano Budge ganhou os seus dois matches singulares, contrabalançando as duas derrotas sofridas por Allisson. Os australianos, após cinco partidas heróicas venceram em pares e obtiveram a classificação.

Cabe-lhes portanto a honra de vir ao velho continente de frontar o vencedor da zona europeia, cujo favorito é a Alemanha; e, salvando-se do obstáculo, tentar o assalto à fortaleza britânica.

Ora o bloco inglês não parece este ano tão sólido como nas épocas anteriores; Austin ficou recentemente impossibilitado por uma distensão num músculo da coxa e não poderá treinar durante algum tempo; o par Hughes-Thuckey, considerado um dos maiores trunfos da equipa foi batido no campeonato de França pela associação Borotra-Bernard, dando prova de vulnerabilidade comprometedora, e o grande Perry, o esteio fundamental do conjunto britânico, parece acusar sintomas alarmantes de fadiga e succumbiu há dias, em Paris, ante o alemão Von Cramm.

Qual virá a ser o desfecho do torneio, perante este equilíbrio de forças dos principais competidores? Ficará a Taça Davis em Inglaterra ou mudará de residência? Tal é a incógnita que daqui a dois meses nos será revelada.

À medida que se aproxima a data da sua inauguração, aumenta o interesse universal pelos Jogos Olímpicos de Berlim. Apesar de todas as campanhas contrárias, desportivamente condenáveis porque eram geradas em motivos políticos que nada têm a ver com as nossas coisas, o êxito dos jogos está assegurado.

Por todo o mundo os povos se preparam para a competição e podem já prever-se, nalgumas modalidades, resultados sensacionais.

O torneio de foot-ball, que tanto interessa ao Comité organizador pelo seu aspecto económico, parece cada vez mais

comprometido pelos efeitos de interperação do conceito olímpico do amadorismo.

Apezar das sucessivas concessões do C. O. I., transformando o rigorismo intransigente do seu primitivo critério numa regulamentação elástica, o número de concorrentes não aumenta por forma a garantir ao torneio um valor mundial. Os países onde vigora o regime do amadorismo não perdoam a tolerância do Comité Internacional, e aquêles de regime livre não se resolvem a aceitar reservas.

A Volta Ciclista a Espanha, que pela segunda vez acaba de ser disputada com grande êxito popular mas escasso interesse desportivo, sofreu em parte do seu percurso as consequências desastrosas dos acontecimentos políticos que perturbam a vida social da nação visinha.

Numa das caminhadas, que atravessava as Astúrias a caminho da Galiza, os corredores atravessavam a cidade de Oviedo; tudo decorreu normalmente até esse ponto, mas nas ruas da cidade foi-lhe vedada a passagem por grupos de operários grevistas e não houve outro remédio senão retroceder.

Os organizadores levaram o pelotão por outro percurso, que obrigava a um desvio de mais cem quilómetros e, o que era pior, os afastava do local onde estava instalado o posto de reabastecimento. A situação era embaraçosa, mas foi solucionada da melhor maneira: interrompendo a prova durante o tempo necessário para que todos os ciclistas armazenassem pacata e tranquilamente num excelente restaurante!

Salazar Carreira.



Na festa do aniversário do Sporting — O estandarte do Club com a sua guarda de honra e as crianças de classe de ginástica em saudação às entidades oficiais

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA POLACA

No dia 3 de Junho comemorou-se na Polónia o 10.º aniversário da posse presidencial do prof. dr. Ignacy Moscicki, uma das figuras mais prestigiosas, não só na Polónia mas também da Europa.

O presidente Moscicki é um homem douto, considerado como uma grande autoridade, sobretudo no domínio da química, electrotécnica, electroquímica e electrofísica.

Depois de ter terminado com a maior distinção os seus estudos universitários de química na Politécnica de Riga, voltou a Varsovia na intenção de dedicar o seu trabalho à Polónia, então subjugada, mas as constantes perseguições dos opressores russos, forçaram-no a deixar o seu país natal e a partir para Londres. Esteve ali 5 anos continuando sempre o seu trabalho. Ao fim deste tempo, partiu para Friburgo (Suíça) onde logo conquistou

o mundo inteiro. Em 1913 foi chamado para Lwów, para reger a cátedra de electroquímica, especialmente criada para êle. Desde esse tempo trabalhou sempre para a Polónia, realizando muitos melhoramentos no domínio da indústria electrotécnica, estabelecendo várias fábricas indispensáveis para esta indústria e proseguindo nos seus altos estudos.

Paralèlamente dedicou-se aos problemas políticos da Polónia. Foi um dos mais íntimos colaboradores da marechal Pilsudski, pela Independência da Polónia. Sofreu



Prof. dr. Ignacy Moscicki. A esse, O Chefe do Estado da Polónia e um desportista completo, que se consagra com entusiasmo à caça. Aqui o vemos junto dum urso que abateu.

perseguições dos russos, sendo obrigado a deixar o país. Contribuiu poderosamente para a Restauração do Estado Polaco.

A sua posse presidencial data de há 10 anos e exerceu-a sempre com a mais alta competência, sendo muito querido e estimado pelo povo polaco pelas suas virtudes, nobre carácter, belo coração e alto espírito de justiça.

EM BAIXO: O professor Moscicki a sua mesa de trabalho

Rita San.



a fama de grande inventor e homem de ciência, pelos seus trabalhos demonstrativos de elaboração do método e aparelhagem para a produção do ácido azótico, mercê da extração do azóte do ar.

Os trabalhos, mais importantes do presidente Moscicki são os da indústria electrotécnica e electroquímica. — Foi êle quem montou em Friburgo uma grande fábrica de ácido azótico sintético, concentrado, de conformidade com os seus inventos. Esta fábrica, que foi a primeira no mundo, onde se produzia o ácido concentrado pelo método sintético, tornou-se para a Suíça, durante a Grande Guerra de uma importância enorme, pois satisfez o fornecimento inteiro dos compostos de azóte para o Exército suíço. Simultaneamente estabeleceu em Friburgo uma fábrica de condensadores eléctricos para a alta tensão, que foi também a primeira do mundo.

A fama universal do prof. dr. Moscicki como um sábio espalhou-se pelo



FIGURAS E FACTOS

Portugal no Concurso Hípico de Bruxelas



O tenente Luiz de Mena e Silva, montando o cavalo «Sylvain» em que saiu vencedor, no recente concurso hípico de Bruxelas, das provas Saint Michel e Campeonato de Altura, na última das quais foi o único concorrente a saltar 2 metros sem uma falha.



Na Juventude da Galícia realizou-se no mês findo uma interessante festa para eleição da rainha de beleza de 1936 da colónia galaica de Lisboa. Foi proclamada vencedora a senhora D. Conchita Muiños, filha de D. Maria Primitiva Muiños e do sr. dr. Constantino Muiños, que recebeu o título de «Señorita da Juventude da Galícia de 1936». Para damas de honor foram eleitas as senhoras D. Açucena Cruz e D. Concepcion Rocha. A festa decorreu com a maior animação.



Os antigos alunos do Liceu Bocage de Setúbal reuniram-se numa festa que decorreu com admirável espírito de confraternização. Realizou-se uma sessão solene, em que diversos oradores usaram da palavra para recordar o passado daquele estabelecimento de ensino e prestar homenagem ao seu actual corpo docente. No final realizou-se um banquete que reuniu grande número de convivas e no decurso do qual se levantaram brindes. A' esquerda, um aspecto do banquete. Em cima, a mesa e parte da assistência à sessão solene.

Festa dos alunos das Escolas Primárias da Figueira da Foz



Os alunos das Escolas Primárias da Figueira da Foz inauguraram no dia 21 do mês findo o seu uniforme. O facto deu lugar a uma festa que foi seguida, à noite, por uma recita infantil, no decurso da qual foi também inaugurado o estandarte e o hino das escolas daquela cidade. A fotografia acima mostra as crianças que a festa reuniu, vendo-se à direita os seus professores.

REUNIU ontem o meu curso, o curso de entrada na Faculdade. Vão passados quinze anos. Vieram de todos os pontos do país, de Fozcôa e de Portimão os rapazes do meu curso, aquele punhado de garotos que faz quinze anos, cheio de ilusões, e

de sonhos, entrou a vez primeira naquele casarão do Campo Sant'Ana, guardado à vista pelo bronze de Sousa Martins, uma estátua que envergonha uma geração, e da qual Fialho troçou com mão de mestre. O meu curso de entrada não é o de saída da Escola. Durante três anos estive afastado das fainas académicas, e perdi-me dêles. Saí com outros, outros aos quais me ligam outras manchas de tristeza ou alegria. Mas o primeiro, aquele que ontem reuniu, passados quinze anos, ficou sempre o meu curso, tem mais porção da minha vida do que o outro, é mais da minha idade, vem, em parte, de longe, dos tempos do liceu, quando a vida não pesava e a nossa mocidade desafiava tudo, a tudo se atrevia. Estão nele alguns dos meus companheiros de infância, dos primeiros sonhos, quasi do tempo do bibe e calção. Estão nele todos os que triunfaram a meu lado, todos os que o laminador da Politécnica não gastou ou consumiu.

Ontem foi o dia dos mortos, e dos cumprimentos, dia de tristes lembranças, dia em que os mortos foram chamados ao nosso convívio, voltaram a estar presentes na nossa memória. Fui encontrar rostos que não via há dez anos, ali, na

QUINZE ANOS DE VIDA

A REUNIÃO DO MEU CURSO

porta da igreja de S. Domingos. Um a um, como no tempo em que fazíamos jôgo de porta a êste ou àquele mestre, foram chegando todos, e enquanto se trocavam os primeiros abraços, as primeiras frases de ternura ou de saudade, senti-me regressar a tempos idos, quando os primeiros cabelos brancos eram uma hipótese que nos fazia rir, tão confiados estávamos que a nossa mocidade resistiria a tudo, a todos os embates, e atropelos.

A saudade de os ver e abraçar marcou-me encontro à porta da igreja. Tinha resolvido não assistir às festas do meu curso. Ontem acordei cedo. Eram oito horas. Acordei minado de saudades, saudades dos vivos e dos mortos, de todos os que a vida espalhará implacavelmente pelos quatro cantos de Portugal; dos que foram tombando, um no primeiro ano, o Kalfuss, antes das anatomias; e dos outros, o Giro e o Pulgueira, que a morte levou, quatro ou cinco anos depois da formatura. Fui ao encontro dêles. Aquêles instantes, passados à porta da igreja, enquanto chegavam os retardatários, foram instantes de emoção que se não esquecem, que ficam dentro de nós para sempre, a lembrar uma vida que se vai gastando, que o tempo vai enrolando até ao

fim na sua dobadoira silenciosa e trágica. Poucos faltaram; os que estão mais afastados ou os que não conseguiram desembaraçar-se da clínica ficaram longe a moer recordações dos tempos idos.

Estão quasi todos na mesma os rapazes do meu curso. Quasi todos. Mais velhos, sim, mas para mim que os conheci garotos, despreocupados e alegres, estão na mesma. Mudaram uns de indumentária, os sorrisos de quasi todos mudaram também, mas estão iguais. Mais graves, mais sensatos, sim, encontrei-os mais sisudos; ocultando cada um o seu drama, o drama do quotidiano, denunciado por certas rugas que se não escondem, que marcam etapas, a-pesar-de tudo, da alegria do encontro, do regresso àquêlé passado que não volta mais, que a vida não matou inteiramente, mas que todos os dias se distancia e se esfuma no tempo.

A amizade, sim, a amizade que une os rapazes do meu curso, a camaradagem, a lealdade, essas não envelheceram, essas qualidades ali estavam à porta da igreja, a chamar-nos a recordações passadas, a tornar presente cinco anos, possivelmente os melhores da nossa vida, e os mais despreocupados; cinco anos isentos de tôdas as contribuições, directas ou indirectas, cinco anos nos quais nós nos encontramos todos os dias, passeando no mesmo claustro, sofrendo as mesmas dores, quando os exames se avizinham, tribunal de contas à vista...

Eram dez e meia quando o bom do padre iniciou a missa. A um lado do altar, à direita de quem atravessa o templo, ficamos todos reunidos, todos juntos, tal e qual como há quinze anos na missa por alma do Kalfuss.

A mesma igreja, o mesmo padre, as mesmas luzes, as mesmas tochas de há quinze anos, consumindo-se numa luz pálida, indecisa; o mesmo sol, coado através dos mesmos vitrais, idêntica manhã de verão... Tudo era igual.

Fixo uns instantes, quasi às ocultas, os rostos tristes dos rapazes do meu curso. Fixo um a um, enquanto o padre resa a missa, procede ao sacrifício... Os mesmos de há quinze anos. Agora, esqueço a missa, esqueço tudo, e fixo-me. Encontro-me outro. Há quinze anos? Que saudades, santo Deus, tenho de mim e dos outros. A vida, a morte...



Fachada da Escola Médica e estátua de Sousa Martins

Augusto d'Esaguy.

ALGUNS QUADROS DA EXPOSIÇÃO DO ANO X DA REVOLUÇÃO NACIONAL



Alegria no Trabalho e Casas Económicas, por José de Sousa — Para proteger a família e o seu ambiente o Estado tem promovido a construção de casas económicas, tanto em Lisboa como em diversas terras do país. Ao mesmo tempo, incita à alegria no trabalho como meio de fortalecer, educar e distrair o corpo e o espírito dos que trabalham.



Obras Públicas nas Colónias, por Fernando Santos — Nas províncias ultramarinas a actividade do Estado é representada por importantes obras destinadas a valorizar as riquezas naturais. Contam-se entre elas, como mais importantes, as do porto do Lobito, em que se gastaram 58.000 contos e os melhoramentos no porto e caminho de ferro de Mormugão no valor de 33.000 contos.



Obras Públicas nas Colónias, por Armando Lucena — O desenvolvimento dos meios de comunicação, principalmente em Angola e Moçambique, recebeu um notável impulso. Nesta última colónia constituíram-se em seis anos 350 quilómetros de via férrea e 9.000 quilómetros de estradas. Em Angola o aumento da rede de estradas no período que vai de 1926 a 1924 foi de cerca de 10.000 quilómetros.



Ensino Primário, por Ricardo Bensaúde — O ensino primário, problema da mais alta importância, tem merecido os cuidados devidos. A frequência das escolas de todo o país no ano corrente é de 444.000 alunos, o que corresponde a 64% da população escolar recenseada. O número de cantinas e cozinhas escolares que fornecem refeições, vestuário e livros às crianças necessitadas é de 3.245. Construíram-se 360 escolas novas com 747 aulas.



Frutas, por Alberto de Lacerda — A valorização das frutas nacionais foi fomentada pela promulgação do Estatuto de Fruticultura e Horticultura Nacionais e pela criação de organismos destinados a regularizar e coordenar o comércio de exportação, promovendo a propaganda, defesa e expansão dos nossos produtos nos mercados estrangeiros. Esta acção, persistentemente desenvolvida, produziu já notáveis resultados.



Edifícios, por D. Estrêla Faria — Tem-se procurado atender ao problema do abandono que se encontram votados muitos edifícios públicos. Para esse fim, o Estado organiza os respectivos serviços de modo a tornar-se possível a construção de alguns, a reparação de outros e a conservação dos restantes. As verbas consagradas nos últimos dez anos a êsse trabalho ascendem a 149.000 contos, além de uma participação de 45.000 contos em outras obras.



Belas Artes, Monumentos Nacionais, por Armando Lucena — A valorização do património artístico da Nação tem o Estado consagrado verbas importantes. Empregaram-se 12.800 contos na restauração e beneficiação dos monumentos nacionais e 2.000 contos nas obras dos Palácios Nacionais. Criou-se a Academia Nacional de Belas Artes e favoreceu-se a representação de artistas portugueses nas grandes exposições internacionais.



Unidade Política do Império, por H. Santos Júnior — Três importantes documentos realizaram a unidade política e administrativa do Império: o Acto Colonial, a Carta Orgânica do Império e a Reforma Administrativa Ultramarina. A completar esta obra legislativa organizaram-se conferências dos governadores coloniais e a Conferência Económica do Império. O equilíbrio dos vários orçamentos das colónias consolida o trabalho realizado.



Hidráulica Geral, por Sousa Gomes — Com os trabalhos de limpeza e conservação de valas, canais e outros cursos de água, gastaram-se de 1927 a 1935 mais de 13.000 contos. As dragagens realizadas em portos, rios e vales representam um volume superior a quatro milhões de metros cúbicos e custaram cerca de 14.000 contos. Procedeu-se agora ao estudo minucioso dos cursos de água, dos quais se encontram concluídos onze.

Festas de caridade

No CENTRAL CINEMA

Com uma enorme e selta concorrência, realizou-se no dia 14 do mês findo, no Central Cinema, uma tarde de cinema, de caridade, levada a efeito por uma comissão composta de gentis creanças pertencentes ás principais famílias da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes meninas Betty Sousa Holstein Beck, Izabel da Câmara Pinto Basto, Leonor Ottelini Diniz, Maria Beatriz da Câmara Ferreira, Maria Luiza de Melo e Castro, Maria de Melo (Cartaxo), Matilde Piniheiro Espírito Santos Silva, Vera Santos de Vilhena e os meninos Fausto Mendes de Almeida de Figueiredo, Pedro de Sousa Holstein Beck e D. Sebastião de Almeida Daun e Lorêna (Pombal), cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro.

— Na tarde de sabado 13, dia de Santo António realizou-se no Central Cinema, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes senhoras: D. Ediane Simões de Abreu, D. Francisca Maria de Vasconcelos e Souza; D. Manuela Ruiz Correia da Cunha, D. Maria Antónia de Castro e Almeida, D. Maria do Carmelo Montes e Freitas, D. Maria da Conceição Teixeira de Sampaio, D. Maria das Dôres Afonso Viana, D. Maria Francisca de Meireles, D. Maria da Graça Magalhães Vilasboas, D. Maria Júlia Ferreira Lima Pacheco, D. Maria de Lourdes da Costa Souza de Macedo (Mesquitela), D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Luiza Ressano Garcia, D. Maria Luiza Xavier Cordeiro, D. Maria Rebelo de Andrade, D. Maria Romana de Carvalho Dumas e D. Maria de Souza e Holstein Beck (Povoa), cujo produto se destinava a favor da Congregação de Santa Inês, da freguezia de Santa Izabel, e das Casas do Trabalho de Nossa Senhora de Fátima, e de Santa Inês, da freguezia de S. Mamede, sendo o programa formado por filmes que agradaram muitissimo á seleta concorrência.

«NA LISBOA ANTIGA»

A favor do cofre da «União Noelista de Lisboa», efectuou-se na noite de vespera de Santo António um «Arraial Popular» e na tarde do dia de Santo António, uma «ginkana infantil» levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: D. Ana Maria Gambôa Bandeira de Melo, D. Maria Alice Costa Rodrigues, D. Maria Amélia Pereira da Cunha, D. Maria do Carmo Paiva de Andrade, D. Maria da Conceição Costa, D. Maria Emília Botelho, D. Maria Eugénia Costa, D. Maria Eugénia Mendes de Almeida, D. Maria de Lourdes Godinho Saldanha, D. Maria de Lourdes Saldanha, D. Maria Luiza Ressano Garcia, D. Maria Madalena de

Castelo Branco (Sardoal), e D. Matilde Quintanilha Pinto.

Tanto o «arraial», como a «ginkana» foram elegantemente concorridas, tendo decerto a comissão organizadora ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como artistico.

Nascimentos

A sr.^a D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, esposa do sr. dr. José de

VIDA ELEGANTE

Vilhena de Almeida e Vasconcelos, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Beatriz Cau da Costa de Santa Rita Nunes da Silva esposa do sr. Luís Nunes da Silva. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Betty Dumond, esposa de Dumond, sendo assistida pelo ilustre cirurgião sr. dr. Celestino Henriques. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Balbina do Carmo Rodrigues da Costa Gomes Lopes, esposa do sr. Luís Antunes Lopes, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Casamentos

Na paróquia da Graça, realizou-se o casamento da sr.^a D. Paulina de Carvalho, interessante filha da sr.^a D. Paulina Augusta de Carvalho e do sr. António de Carvalho, com o sr. António Henriques, filho da sr.^a D. Emília de Jesus Henriques e do sr. Joaquim Henriques, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Alice Penteado Pinto e D. Margarida de Moraes Sarmento e de padrinhos os srs. tenente coronel João Maria Penteado Pinto e o sr. dr. António Alberto Corado, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finissimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artisticas prendas para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Laurinda Dias da Luz, e do sr. Alfredo da Luz, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Emília, com o sr. João da Costa, filho da sr.^a D. Maria Frazão e do sr. João Frazão, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Virgínia da Conceição Dias e D. Palmira Dias da Luz e de padrinhos os srs. Alfredo da Luz e Alvaro de Avelar Barros Ferreira. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artisticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se no Por-

to, na paróquia de Paranhos, o casamento da sr.^a D. Olinda de Sousa Bandeira Rodrigues, gentil filha da sr.^a D. Zulmira de Sousa Bandeira Rodrigues e do sr. Joaquim Bandeira Rodrigues, com o sr. João Augusto Baptista Duque, filho da sr.^a D. Gabriela Baptista Duque e do sr. João Duque, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

— Em Olhão realizou-se com uma enorme e selecta concorrência, na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Martins Alves, gentil filha da sr.^a D. Maria Luciana Martins Alves e do sr. Feliciano Martins Alves, com o sr. Rodrigo Alves Ribeiro, funcionário do Instituto Nacional de Estatística, filho da sr.^a D. Maria Amélia Alves Ribeiro e do sr. Tomaz da Silva Ribeiro, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Guilherme Martins Alves. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finissimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, para Lisboa, onde vieram fixar residência.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Zerarda Salema Braga, com o sr. dr. Fernando Rogerio de Albuquerque e Castro Amaro, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Sofia Pacheco da Costa Salema Braga, mãe da noiva, e D. Márcia Alcântara Albuquerque e Castro Amaro, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. dr. José Augusto Salema Braga, irmão da noiva e o tenente coronel Ernesto Gonçalves Amaro, pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finissimo lanche na residência da noiva, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, para a sua propriedade na Sabuga, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Margarida José de Jesus Clara Francisca de Mendôça (Azambuja), interessante filha da sr.^a D. Adelaide de Almeida e Vasconcelos de Mendôça e do sr. D. Pedro de Mendôça Rolim de Moura Barreto (Azambuja), com o sr. conde de Arcos, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Fernanda de Almeida e Vasconcelos de Mendôça e D. Maria Domingas de Noronha de Mendôça, cunhadas da noiva e de padrinhos os srs. marquês de Vagos e conde de S. Vicente, primos respectivamente da mãe e do pai do noivo.

— Pela condessa da Foz, foi pedida em casamento para seu filho D. Eduardo, á sr.^a Marquês de Fontes Pereira de Melo, sua gentil neta D. Maria Emília, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mez.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, realizou-se o casamento da sr.^a D. Aurélia Diaz e Tuesta, interessante filha da sr.^a D. Concepcion Diaz de Tuesta e do sr. D. Alejandro Diaz de Tuesta, com o sr. Lopes Côrtes Matos, filho da sr.^a D. Carmen Matos Perez e do sr. José Côrtes Guerra, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Angela Perez Caetano e de padrinhos o pae da noiva e o sr. Lopo Perez, presidindo ao acto o reverendo Zeferino Diaz de Tuesta, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

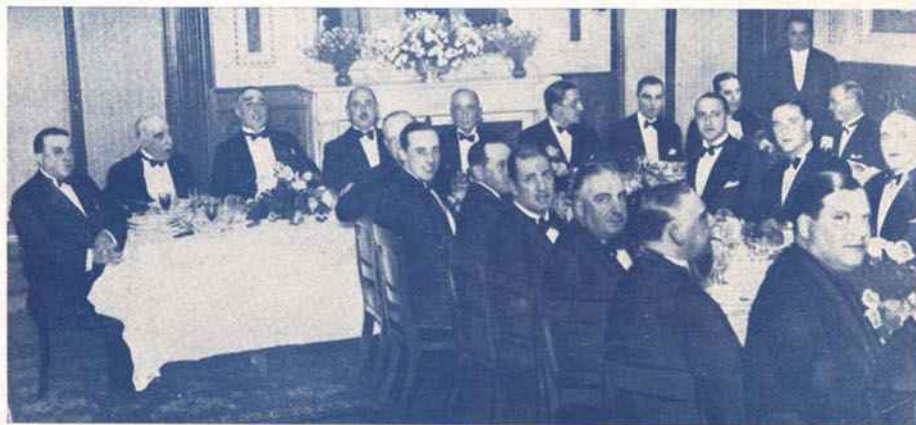
Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finissimo lanche da pasteleria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Bodas de prata

Festejando as suas bodas de prata vinte e cinco anos de casados, ofereceram a sr.^a D. Emília Anciães Proença Pereira do Vale e o sr. Elizio Pereira do Vale, na sua elegante residência, á rua Antero do Quental, uma interessante festa a que assistiram apenas as pessoas das suas mais íntimas relações.

Os ilustres donos da casa, seus filhos e genro foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

D. Nuno.



Aspecto do banquete realizado no «Turf Club» e em que foram convivas muitas das figuras em destaque na aristocracia portuguesa

UMA GRANDE POETISA

PORTUGAL acaba de receber a visita duma grande poetisa. Helena Vacaresco, a mulher que tão bem soube aproveitar os dons preciosos do talento e da inspiração, esteve entre nós, visitando o país e espalhando o encanto da sua voz musical, em algumas conferências que encantaram os que a ouviram.

Helena Vacaresco, como poetisa e como escritora é uma das senhoras que mais se tem imposto á sociedade culta europeia. As suas produções poeticas da mais admirável inspiração, a sua prosa energética e decidida, impõe-na á admiração dos seus contemporaneos e ao respeito pelo seu valor pessoal e intelectual. Como mulher de acção é para notar a sua influencia no mundo das letras, onde representa, brilhantemente a Romenia, o seu país natal, a que o seu coração de patriota a liga tão fortemente, apesar de ha muitos anos viver em Paris, pois a França é o seu país de eleição.

Helena Vacaresco é a mulher que personifica o romance vivido. Descendente da nobre família Vacaresco, muito nova ainda, começou a manifestar os seus dotes preciosos de poetisa, a elevação da sua intelligencia.

Reinava então na Romenia a rainha Isabel, uma das mulheres de mais talento dêsse tempo, e que se tornou célebre nas letras, com o pseudónimo de Carmen Sylva. A rainha adorava rodear-se de raparigas novas inteligentes, que dessem á sua cõrte não só o brilho duma cõrte onde a beleza pontificava, mas também o interesse, que a convivencia de intellectos superiores dá.

Entre essas meninas, fina flor da aristocracia de sangue e de intelligência, brilhava como astro de primeira plana Helena Vacaresco, que a sua beleza fina e espiritual aliava o interesse duma superior cultura e duma vasta intelligência.

Em breve foi a amiga preferida da Carmen Sylva que a distinguia entre todas, mas não só a rainha artista se entusiasmou; seu filho o herdeiro da corõa notou a gentil menina, a amiga de sua mãe e por esta se apaixonou.

A rainha espírito romântico, favorecia os amores dos dois jovens, que encontraram uma opposição feroz da parte do rei, que levou como nos antigos romances a sua tirania ao ponto de exilar a rainha e Helena Vacaresco, que em Veneza choravam juntas, uma o seu reino longiquo, a outra o seu amor perdido. O príncipe menos forte na luta tinha-se su-

jeitado ao casamento imposto pela razão de Estado.

Mas Helena Vacaresco não era mulher para se deixar vencer pela adversidade, e a sua intelligência lutou no campo das letras. Ela que não foi rainha da Romenia, tornou-se rainha nas letras, nesse vasto reinado, que se conquista, não por herança nem razão de Estado, mas sim pelo valor pessoal que se impõe a todos como o melhor dom de Deus, aquele que, se pode chamar divino. Durante a sua estadia em Lisboa a notavel poetisa que tem feito a honra das letras francesas, porque é em francês, que ela tem escrito, como a sua amiga, parente e compatriota a condessa de Noailles, fez apenas três conferências o que foi muito pouco para os seus imensos admiradores.

Uma na Emissora Nacional, que foi radiofundida por todo o país levando a magia da sua voz a todos os recantos de Portugal, conferencia em que foi apresentada por Virginia Vitorina, a poetisa admirável, que é uma das grandes glórias portuguesas, dramaturga insigne e que melhor do que ninguém podia falar dessa mulher, que como ela, é rainha na poesia e no talento.

A outra no Secretariado de Propaganda Nacional, foi um encanto, não só pela sua maneira adorável de dizer, mas também porque o assunto era do maior interesse.

Helena Vacaresco, falou às mulheres de Portugal de Ana de Noailles a grande poetisa, que por seu pai era príncipe de Brancovan e por sua mãe Vacaresco. Essa mulher que foi uma das suas melhores amigas e que foi duma originalidade de espírito que tornou a sua arte uma obra de refulgentes pedrarias, essa que:

*Nature au coeur profond sur qui les cieux reposent
Nul n'aura comme moi si chaudement aimé
La lumière des jours et la douceur des choses
L'eau luisante et la terre où la vie a germé.*

E ninguém melhor do que Helena Va-



caresco poderia falar dêsse espírito invulgar, ela que a conheceu profundamente e que tão bem doada como ela podia compreender todo o seu valor, porque um igual possuia.

A última do maior interesse e que versou sôbre Isabel, rainha de Inglaterra, deu a medida exacta do seu alto valor de mulher e de política, porque retratou admiravelmente o perfil dessa mulher, que na herança paterna tantos taras herdára.

A visita de Helena Vacaresco a Portugal foi uma honra para o país, porque a aura de talento que a rodeia, espalha-se a sua volta e o nosso país de tão poéticas tradições deve ter inspirado essa mulher, que tão bem sabe sentir e expressar o que sente na mais poética e elevada das linguagens.

Para as mulheres portuguesas foi sem dúvida um prazer inefável ouvir falar tão bem e com tão grande interesse como o fez a distinta poetisa sôbre mulheres de tão alto valor.

Saudemos pois essa mulher que não foi rainha no seu país, mas é rainha de arte e tem no meio intelectual da Europa, um lugar de destaque, conquistado, pelo seu saber, pela sua vastissima cultura e pelo império da sua forte vontade, que a fez vencer onde outras sucumbem.

Maria de Eça.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A.M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

LAPSO

Na categoria «Decifradores», *Quadro de Mérito*, não foi por lapso incluído o nosso estimado amigo e assíduo colaborador *Silva Lima*, com 18 pontos, pelo que lhe apresentamos as nossas desculpas.

APURAMENTOS

N.º 51

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAGNATE

N.º 25

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 20, Kossor; n.º 17, Repórter Fatal; n.º 18, Vina.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Capitão Terror.

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 24. — Fan-Fan, 22. — Ti-Beadu, 22. — Salustiano, 21. — Rei-Luso, 20. — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Sonhador, 18. — João Tavarés Pereira, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 16.

OUTROS DECIFRADORES

D. Diana, 11. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Tombo-bola-tômbola. 2 — Bola-lacha-bola-cha. 3 — Sobre-câmara. 4 — Mágua. 5 — Pingola. 6 — Represado. 7 — Cávia. 8 — Piqueta. 9 — Espalmo-esmo. 10 — Amada-Ada. 11 — Chumela-chula. 12 — Roleta-rota. 13 — Maia-o-ão. 14 — I I K (Isca). 15 — *Esublho*. 16 — Some-menos-somenos. 17 — Cuida-dado-cuidado. 18 — Agra-grado-agrado. 19 — Aninho. 20 — Mágua. 21 — Tedioso. 22 — Repica-ponto. 23 — Jeitoso. 24 — Aurora-aura. 25 — *Ida boa, tornada nunca*.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) «Reparo» na tua criada: que ver-bosidade! (2-2) 3.

Lisboa *Capitão Terror*

2) Logo que haja maré hei-de verificar se o peixe (*) come o rebento da raiz de certa planta. 2-2 (3).

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

3) É fugir quando é áspero o bofetão! 2-2 (3).

Lisboa *Silva Lima (T. E.)*

(*) semelhante ao pargo.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 60

NOVÍSSIMAS

4) Na minha adega, onde tenho um aquário, existe um peixe (**) de grandes dimensões. 2-1. Leiria *Magnate (L. A. C.)*

5) A *doença* abranda logo que se chame um enfermeiro. 2-2. Luanda *Ti-Beadu*

6) Então fui aqui ferido pelo chefe de tribus africanas. 1-1. Coimbra *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

SINCOPADAS

7) Nasci de cara larga. Que triste o meu destino... 3-2. Lisboa *Filho d'Algo*

8) O beberrão gosta de trajar gibão. 3-2. Luanda *Ti-Beadu*

9) Mas que janota é o «guarda» do seu jardim! 3-2. Lisboa *Veterano*

(A Rei Fera)

10) Asseguro desde já ao «senhor» director a minha assídua colaboração. 3-2. Lisboa *Vidalegre*

11) Ao serão trabalha-se com uma luz quasi escura. 3-2. Coimbra *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

12) Nem um só trapo cobre a eriança. 3-2. Coimbra *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

13) Deshonra foi, portanto, para mim, A tua frase, cheia de veneno; Se acôrdo houve, após, nem mesmo assim Deixou de ser um dito vil, terreno. Não quis fazer do caso algum chinfrim, Guardei segredo; e vai já mui distante Aquela data! A vida vai no fim E nunca fui qualquer denunciante. Lisboa *Silva Lima (T. E.)*

(**) acantopterígio.

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



LISBOA

BIBI (ABEXINS)

MEFISTOFÉLICAS

14) O alimento preciso, Normal para toda a gente A quem não falta o juízo, Não chega bem, certamente, Para pessoa indolente. (2-2) 3 Lisboa *Miss Diabo*

15) Já começo a duvidar Que um dia possa surdir, Como estás a garantir, Que a coisa há-de rebentar. (2-2) 3 Lisboa *To-My*

NOVÍSSIMAS

16) Se os meus olhos levantar — 2 Para ti, tirana, um dia, Hás-de sofrer e chorar, Perderás toda a alegria. Lisboa *Capitão Terror*

Não terei pena de ti, — 1 Nessa minha atroz vingança. Amei, chorei e sofri E morreu a minha esp'rança.

Não rias do que disser, Porque essa tua vaidade, Pobrezinha, há-de morrer De amargura e de saudade.

(Ao ilustre SILENO, agradecendo a sua FRANCISCANADA)

17) Sou mulher — e portuguesa; Conseguiu-me comover Com a sua «gentileza», Que aqui venho agradecer.

Houvera festança grossa Em casa do Zé Cabaça. O Canuto grande moosa Na garrafa da cachaça

Fêz, metido na frasqueira... Deu cabo da «rija» nova... Depois, uma bebedeira Mestra — de caixão à cova...

Sentindo-se aliviado, — 2 Após um «banho» de soda, Lá foi p'ra casa zangado, A cabeça um tanto à roda.

Chegado, pôs-se a bater — 1 Na porta que nem um bruto; Para em seguida querer Abri-la com um charuto...

Era o resto da vinhaça Lá no bucho a fermentar... Ouve então chalaça Dum «gajo» que ia a passar:

— Vai a coisa muito torta, Caro vizinho Canuto... Quere então abrir a porta, Por força, com um charuto?

— Que diz? — protesta o borracho, Aparentando um ar grave... Um charuto?... Mas, que diacho, Teria fumado a chave?...

Lisboa *Mad Ira*

18) Brilha a giesta na serra... — 3 De Locarno só há «pato»... Na Alemanha é que se encerra, Sem pena, a paz ou a guerra, — 1 O paleio é tudo ornato...

Tomar *Mar Saia*

SINCOPADA

19) Porque leva rosa ao peito, Vai a Rosa sorridente... Dá-lhe graça e certo jeito, E' feliz, vive contente. — 3-2.

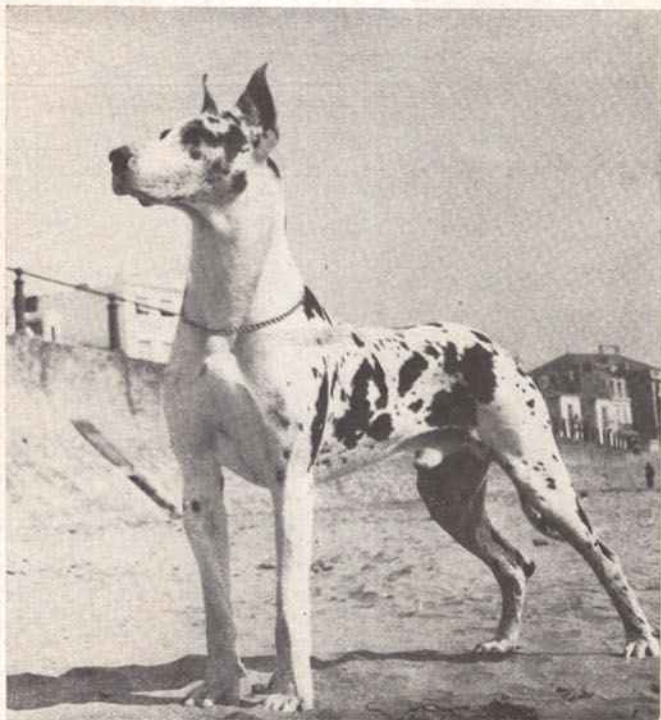
Colares *Maria Luiza*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

8.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa



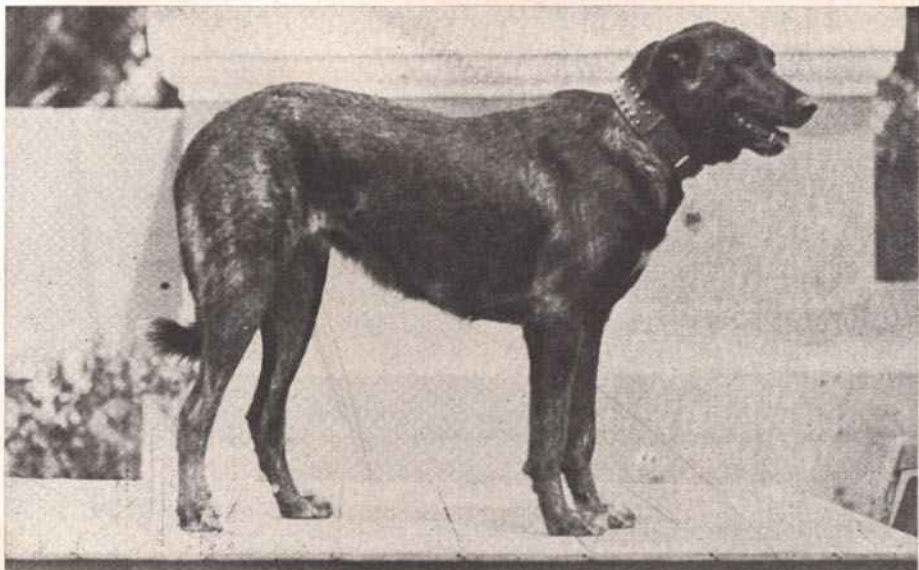
Cocker Spaniel «Iruç Blue of Wares», 1.º premio C. A. F. e da classe dos casais, C. A. C. e C. A. C. I. B., Premio de Raça, Lucas Spratt's, Luç e «of Carmo», propriedade de Fernando Espírito Santo Moniz Galvão. A' direita: Dogue alemão, campeão internacional «Castor von Frauenberg», 1.º premio C. A. M., C. A. C., C. A. C. I. B., Taça Jardim Zoológico, Taça Prussia e premio de raça, propriedade do dr. Baron



Nos dias 30 e 31 do passado mês de Maio realizou-se no Jardim Zoológico a 8.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa. O facto de pela primeira vez se distribuirem no nosso



Scottish-terrier «Albourne Mantilla», 1.º premio e premio de raça, pertencente a Reinaldo Pinto Basto. A' direita: Dogue alemão «Eika von der Silberquelle», 1.º premio C. A. F., C. A. C. e C. A. C. I. B., propriedade de Luiz Brandão



país C. A. C. I. B. (certificados de aptidão a campeonato internacional de beleza) atraiu a Lisboa expositores estrangeiros que vieram dar maior interesse ao certamen. O julgamento das raças reconhecidas pelo Kennel Club de Inglaterra foi feito pelo afamado juiz inglês Mr. Holland Buckley.

E' de esperar que o brilhante êxito conseguido pela Secção de Canicultura do Club dos Caçadores Portugueses sirva de estímulo à organização de maior número de Exposições deste género, único modo de conseguir para a canicultura em Portugal o desenvolvimento que tem na maior parte dos países civilizados, e que por muitas razões amplamente se justifica.

A' esquerda: Serra da Estrela «Aracy Florestal», 1.º premio e taça dos Serviços Pecuários, propriedade de Luiz Brandão



A' direita: Fox-terrier pelo curto, campeão inglês «Wyrsop Flair», 1.º premio C. A. M., C. A. C. e C. A. C. I. B., propriedade de Reinaldo Pinto Basto

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA

O vaso de mangerico
Que me deste já murchou;
Foi tal qual o teu amor,
Que também pouco durou.

Meu qu'rido Santo Antoninho,
Teus milagres já lá vão.
Se os fizesses, eu teria
Inda o rol no coração.

Devia "viver cantando,
Já que chorando nasci."
Mas quero à minha amargura,
Porque ela me vem de ti.

Muita gente desejava
Ter asas, para voar,
Eu, se as tivesse, buscava
Teus olhos para as queimar.



De que nos serve a fortuna
E a glória que valor tem,
Se não busca a vossa boca
A boca do vosso bem?!

Bem sabes que te quis muito,
Mas tu nunca me quiseste.
De boa mente voltava
A todo o mal que me deste.

No altar de Nossa Senhora,
Eu fui acender um círio
P'la vida de quem, um dia,
Foi meu bem e meu martírio.

Santo António, São João,
Ouvi minha dor sem fim,
Procurai o meu amor,
Fazei que êle volte a mim.

Não precisava dos cravos
Que me mandaste, meu bem.
Meu coração anda cheio
De cravos do teu desdem...

Naquele rancho que passa,
Quantas dores há cantando.
A boca ri muitas vezes,
Quando os olhos vão chorando.

Disse que não te queria
Nem pintado à minha porta,
E agora, que te não vejo,
De saudades ando morta.

Já tenho os dedos puídos
P'las contas do meu rosário.
Não há santo que me valha:
O homem é sempre vário.

São João, santo das moças
E das mulheres casadas,
Quantas vezes te cantei
As alegres orvalhadas!

Eu bem sei que me não amas,
Que só p'ra mim tens desdem.
Deixá-lo! Amar sem esp'rança
E' um mal que sabe bem.

Minha vida é noite escura,
Onde não brilha uma estrela.
Desde que de mim te foste,
Sou como barco sem véla.

Dantes saltava as fogueiras
E as alcachofras queimava:
Se alguma ilusão morria,
Logo outra despontava...

O amor é sempre amor,
Mesmo mal correspondido
Quem nunca amou não conhece
Da vida o lindo sentido!

O homem só tem na vida
Dois dias para contar:
Um, p'ra prometer amor...
Outro, para atraiçoar!

Mercedes Blasco.



NOTÍCIAS DA QUINZENA

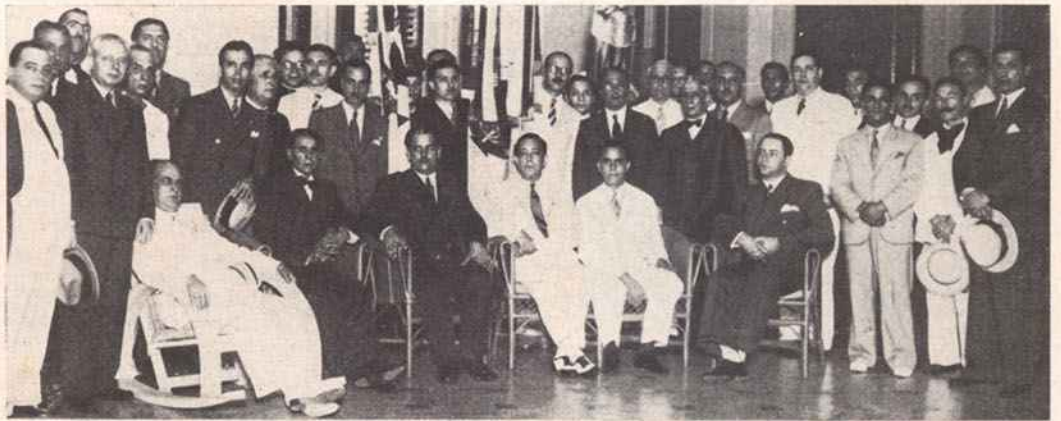
Exposição do Livro Escolar Francês



Em fins do mês passado inaugurou-se na Biblioteca Nacional a Exposição do Livro Escolar Francês, acto a que presidiu o sr. ministro da França, acompanhado pelo sr. ministro da Educação Nacional, dr. Carneiro Pacheco. Assistiram os professores Warnier e Mosés Amzalac, membros do Conselho Permanente de Acção Educativa, e outras individualidades. O sr. ministro da Educação Nacional, proferiu algumas palavras em que prestou homenagem à cultura francesa e louvou a finalidade da exposição.

José de Esaguy

Na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro



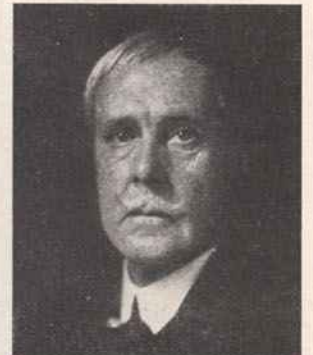
A obra monumental «Marrocos» que o ilustre escritor José de Esaguy acaba de concluir veio patentear-nos o que temos a esperar deste tão consciencioso investigador como prosador elegante e sugestivo. E a prova mais flagrante é que nos promete para bem breve um novo livro «O Infante Santo», em edição luxuosíssima, apresentando o desventurado filho de D. João I, tal como é através da sua mortificada existência. Este novo trabalho de José de Esaguy vai causar sensação.

COMEMORANDO a passagem do X aniversário da Revolução Nacional, realizou-se no dia 28 de Maio, nos jardins da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, uma festa de homenagem ao Governo Português, na pessoa do seu representante diplomático, sr. dr. Martinho Nobre de Melo. A gravura mostra o embaixador português com as figuras mais representativas da colónia, por ocasião da cerimónia que decorreu com grande entusiasmo.

D. Albertina Saguer

Antigos alunos da Escola Nacional

Paiva Couceiro



Ilustre artista D. Albertina Saguer realizou com grande êxito, em 6 do corrente, no Salão do Conservatório, um brilhante recital, em que revelou as suas notáveis faculdades de pianista e o seu formosíssimo talento de poetisa e recitadora, tendo recebido os mais entusiásticos aplausos.

É da tradição que os antigos alunos da Escola Nacional se reúnem uma vez por ano numa bela festa de confraternização, em que todos recordam com saudade os bons tempos do estudante. A festa que reúne sempre um grande número de pessoas, teve este ano particular animação. Alguns dezenas de pessoas que ocupam hoje as mais diversas posições sociais marcaram encontro em volta duma mesa sobre que dominou o mais franco espírito de camaradagem. Houve os habituais brindes, repassados de saúde e emoção. Na fotografia, um grupo de convivas ao banquete.

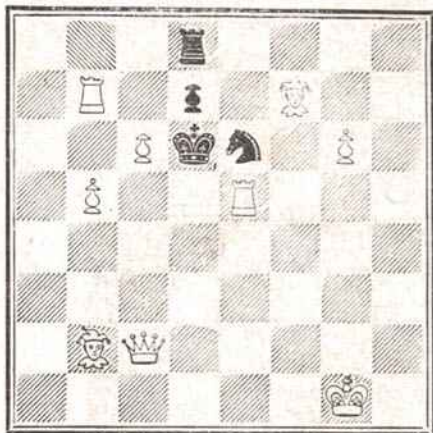
A energia espiritual de Paiva Couceiro e a sua prodigiosa cultura intelectual patenteiam-se exuberantemente no «Soldado Prático» — último livro deste ilustre militar que tanto pugnou pelo engrandecimento do Império Português nas adustas paragens africanas. Lê-lo é criar aletos patrióticos.

Xadrez

(Problema)

Branças 9

Pretas 4



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — 9.
Copas — V. 6, 4.
Ouros — R. 8, 6.
Paus — ———.

Espadas — 10, 3, 2. **N** Espadas — 7, 6, 5.
Copas — ———. **O E** Copas — 9, 7.
Ouros — 9. **S** Ouros — ———.
Paus — R. 7, 5. Paus — V, 9.

Espadas — D. 8, 4.
Copas — 3.
Ouros — V.
Paus — D. 8.

Trunfo é ouros. S' joga e faz as vasas tôdas.

Antiguidade da máscara

A origem das primeiras máscaras remonta às bacanais gregas e às saturnais romanas. Estas festas pagãs nunca se celebravam sem disfarces. Assim, para celebrarem os mistérios de Baco, as bacantes, sacerdotisas dêsse deus do vinho, corriam meias nuas, apenas cobertas com peles de tigre, a tiracolo, e fôlhas de parra em volta da cintura. Seguiam-nas uma multidão de ninfas e um cortejo numeroso de homens disfarçados de sátiros, de silenos, de orgipans.

Horácio atribui a invenção da máscara a Eschylo. Mas Aristoteles declara que no seu tempo era impossível ter uma opinião segura sobre este ponto, e já em Orfeu se trata de máscara, oitocentos anos antes de Eschylo a ter introduzido na cêna, em lugar de bôrra de vinho com a qual Thespis pintava a cara dos seus auctores. De resto, descobertas modernas permitem-nos presumir que a máscara já era conhecida dos egípcios e dos índios, anteriormente às festas de Baco.

Árvore prodigiosa

Uma das mais alentadas árvores de que há memória era um castanheiro que existia na Sicília há muito mais de um século e que não sabemos se lá existe ainda. Muitos viajantes falavam d'êle, entre os quais se conta o inglês Brydone, que o viu nos meados do século XVIII. Na aparência pareciam ser cinco árvores distintas.



Diz-se que o espaço entre elas era antigamente todo maciço, de madeira, constituindo assim uma só árvore.

Brydone, que o refere, assegura que, ao principio, não podia conceber como isto fôsse possível, porque as cinco árvores abrangiam um espaço de duzentos e quarente pés de circunferência.

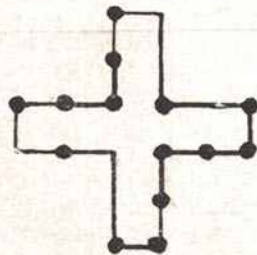
Convenceu-se enfim, não só pelo testemunho dos habitantes das vizinhanças, e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas também pela observação que fez nas mesmas árvores, nenhuma das quais tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Êste castanheiro era tão afamado que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado num antigo mapa da Sicília, publicado haveria mais de cem anos.

A língua francesa

Parece que no século XIII, os italianos reputavam o idioma francês mais clássico que a sua própria língua; de um manuscrito descoberto há bastante tempo, vê-se que Brunetto Latini, o mestre do Dante, compoz originariamente o seu livro, intitulado *O Tesouro*, em francês, declarando em formais palavras que *escrevia nessa lingua, por ser a mais clara e elegante*. O nosso Fr. Luís de Sousa referindo-se ao século XIV, diz que *então, era a lingua francesa estimada e corrente entre os príncipes por cortês e pulida*.

Subtracção de pontos

(Solução)



São seis os pontos que há a apagar. Aqui se vêem os restantes quatorze pontos.

A invenção do microscópio

O microscópio foi inventado por Zacarias Jansen, natural de Middleborongk, em 1590. Em 1618, o napolitano, Francesco Fontana, pretendeu por sua vez, ter inventado, independentemente, o dito instrumento. Em 1619 o alquimista holandês Cornélio Drebbel deu a conhecer em Londres o instrumento de Jansen e construiu vários dêsses, em 1621.

O imortal filósofo Espinosa, de Amsterdam, descendente de judeus espanhois ganhara a sua vida cortando vidros para êsses instrumentos.

O maior alto-falante

Em 1935, construiu-se nos Estados-Unidos um alto-falante que é com certeza, o mais poderoso do mundo inteiro. Êsse aparelho que pode ser utilizado para dar sinais de alarme ou transmitir ordens nos navios, possui um motor da altura de 1^m,20 aproximadamente; a sua membrana tem 1 metro de diâmetro e embora se não desloque, em toda a pressão se não 0,63 m/m., da sua posição normal, a sua intensidade sonora é tão grande que conseguiu cobrir mais de mil vezes o estrondo ensurdecedor da catarata do Niágara.

Com este alto-falante, a voz humana torna-se perceptível a muitos quilômetros de distância.



A dactilógrafa: — Olhe, sua esposa quer dar-lhe um beijo pelo telefone.
O dono do escritório: — Scriba! Reciba lá o recado e transmita-mo depois.

(Do Humorist)

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES E PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do
homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas
rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está ba-
seada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto,
por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários si-
nais da testa. As sete linhas da fronte.
As raizes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas
suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21
no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA



Dr. Bengué, 6, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 63 1913 500 o N° 28

**RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

ACABA DE SAÍR

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

CANÇÕES

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

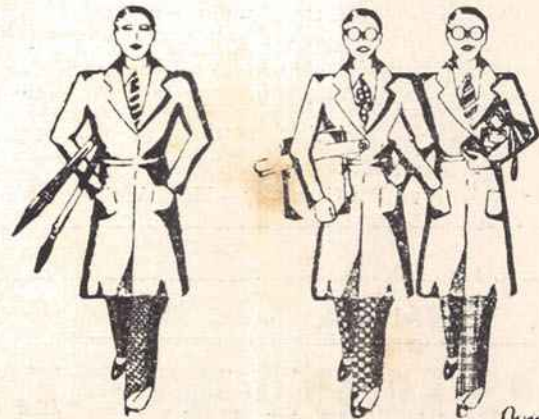
1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.^a edição, 7.^o milhar

Recordações e Viagens

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 pags., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her-
culano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume.
— Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco
volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão
Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. —
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de
Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel
Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três
volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de
Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-
bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 pags., broch. 12\$00 enc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. Esc. 25\$00 = Pelo correio à cobrança Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua 'Garrett, 73 — Lisboa

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápidas, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

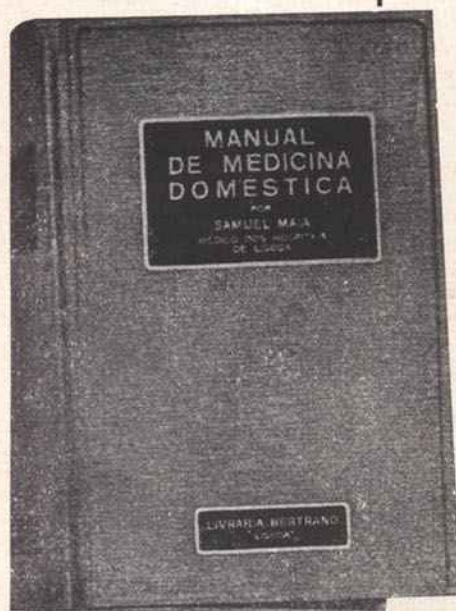
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA